



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA

MICHELE KETLIN FESTINALLI

**TESTE DOS SEIS DESENHOS (T6D) E O DIFERENCIAL APRESENTADO
PELA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA OS TESTES PROJETIVOS**

Recanto Maestro
Restinga Secâ, RS
2024

MICHELE KETLIN FESTINALLI

**TESTE DOS SEIS DESENHOS (T6D) E O DIFERENCIAL APRESENTADO
PELA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA OS TESTES PROJETIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia
apresentado como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharel em Ontopsicologia Curso de
Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade
Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dra. Carmen I.D Spanhol

Recanto Maestro
Restinga Seca, RS

2024

MICHELE KETLIN FESTINALLI

**TESTE DOS SEIS DESENHOS (T6D) E O DIFERENCIAL APRESENTADO
PELA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA PARA OS TESTES PROJETIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia Curso de Graduação em Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dra. Carmen I.D Spanhol

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª. Dra. Carmen Ivanete D'Agostini Spanhol
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Antonio Meneghetti Faculdade

Prof. Dr. Angelo Accorsi Moreira
Membro da banca examinadora
Antonio Meneghetti Faculdade

Profª Mestra Natalia Conceicao Santos
Membro da banca examinadora
Antonio Meneghetti Faculdade

Recanto Maestro, Restinga Secâ-RS, 05 de dezembro de 2024.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e a minha tia Elenice, os quais acreditaram em mim e me apoiaram nesta construção durante toda essa jornada. Agradeço especialmente à minha orientadora, Carmen I.D Spanhol, que não apenas orientou meu trabalho, mas também atuou como mentora durante meu desenvolvimento na graduação e aspectos profissionais.

Epígrafe

“Pode-se dar aos outros só por abundância da própria medida”.

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2006.

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo geral distinguir as possíveis diferenças entre testes projetivos pré-existentes e o teste dos seis desenhos (T6D) de Meneghetti. Com isso, tem como objetivos específicos identificar a base de referências aos testes gráficos pré-existentes ao T6D; descrever sinteticamente alguns dos testes citados por Meneghetti (2021) apresentar a compreensão de base da ciência Ontopsicológica para a aplicação do T6D; identificar possíveis lacunas nos testes projetivos pré-existentes em relação ao T6D. A pesquisa buscou identificar as principais diferenças metodológicas e interpretativas entre esses testes, com ênfase na originalidade do T6D, que se destaca por seu diferencial de análise por meio do campo semântico e critério organísmico, junto ao pesquisador exato. O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica exploratória. Os resultados indicam que o T6D oferece uma compreensão capaz de identificar os aspectos da psique humana, permitindo a compreensão e análise de traços inconscientes. Como contribuição científica, o T6D possibilita um diagnóstico mais preciso e eficaz.

Palavras-chave: Campo semântico; Ontopsicologia; Testes projetivos; Teste dos seis desenhos

ABSTRACT

The present work has the general objective of distinguishing the possible differences between pre-existing projective tests and Meneghetti's Six Drawings Test (T6D). In this regard, its specific objectives are to identify the reference base for graphic tests that predate the T6D; to briefly describe some of the tests cited by Meneghetti (2021); to present the foundational understanding of Ontopsychological science for the application of the T6D; and to identify possible gaps in the pre-existing projective tests in comparison to the T6D. The research aimed to identify the main methodological and interpretative differences between these tests, with an emphasis on the originality of the T6D, which stands out for its distinct analysis through the semantic field and organismic criterion, in conjunction with the exact researcher. The study was developed through an exploratory literature review. The results indicate that the T6D offers an understanding capable of identifying aspects of the human psyche, allowing for the comprehension and analysis of unconscious traits. As a scientific contribution, T6D enables a more precise and effective diagnosis.

Keywords: Semantic field; Ontopsychology; Projective tests; Test of the Six Drawings

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Primeira imagem da prancha de aplicação.....	15
Figura 2 - Imagem da posição da folha (Rorschach).....	15
Figura 3- O menino e o Violino.....	17
Figura 4 - Pautas propostas no CAT.....	19
Figura 5 – Primeira prancha do CAT-A.....	20
Figura 6 – Imagem da figura humana (homem e mulher)	23
Figura 7- HTP casa.....	25
Figura 8- Ficha de interpretação – HTP casa.....	26
Figura 9- Continuação ficha de interpretação – HTP casa.....	27
Figura 10- Continuação ficha de interpretação – HTP casa.....	28
Figura 11- Continuação ficha de interpretação – HTP casa.....	29
Figura 12- Continuação ficha de interpretação – H-T-P casa.....	30
Figura 13- Continuação ficha de interpretação – HTP casa.....	31
Figura 14-Inquérito – H-T-P casa.....	32
Figura 15- HTP árvore.....	33
Figura 16- H-T-P pessoa.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1. Testes projetivos: métodos empregados na psicologia.....	11
a) Teste de rorschach.....	13
b) Testes de apercepção temática (TAT).....	15
c) <i>Children's Apperception test</i> (CAT).....	18
d) Testes do desenho da figura humana (Machover e Goodenough-Harris)	20
e) Teste H-T-P (house-tree-person)	24
2.3. O teste dos seis desenhos na Ontopsicologia (T6D)	34
2.4. O contributo da ciência ontopsicológica na leitura dos testes projetivos – T6D.....	40
2.4.1. O método Ontopsicológico: esclarecimentos fundamentais.....	40
3.METODOLOGIA.....	55
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	56
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
6. REFERÊNCIAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da Ontopsicologia, observa-se a importância na compreensão na temática diagnóstica referente ao Teste dos Seis Desenhos (T6D), devido à relevância para os jovens estudantes do Bacharelado de Ontopsicologia que pretendem seguir pela área da psicoterapia.

O presente trabalho se apresenta inicialmente pela vontade da autora, estudante do curso de compreender sobre os aspectos de análise de testes projetivos, dentro deles o teste dos seis desenhos aplicados na Ontopsicologia. Baseando-se na compreensão de testes projetivos da psicologia e o teste dos seis desenhos por Meneghetti (2021), levando-se em consideração a base de compreensão de testes pré-existentes.

O T6D é um método de intervenção que verifica o modo como o sujeito se coloca em posição diante da vida, identifica o contexto histórico de afetividade onde aquele indivíduo se desenvolveu socialmente. Segundo uma análise psicanalítica os testes projetivos se tratam de uma projeção onde se desenvolve como um mecanismo de defesa do indivíduo, que depois se identifica por meio de imagens que são analisadas por um profissional capaz de identificar o impacto daquelas imagens produzidas pelo sujeito (Matos et. al, s.d).

O T6D utilizado como instrumento psicodiagnóstico na ciência Ontopsicológica, requer conhecimento dos testes projetivos utilizados para análise e avaliação por diversos outros autores conforme descrito por Meneghetti (2021)¹. Portanto, no presente trabalho tem como objetivo geral: Distinguir as possíveis diferenças entre testes projetivos da psicologia e o teste dos seis desenhos (T6D) pela ciência ontopsicológica. Deste modo, temos como objetivos específicos: Identificar a base de referências aos testes gráficos preexistentes ao T6D; descrever sinteticamente alguns dos testes preexistentes da Psicologia e apresentar a compreensão de base da ciência Ontopsicológica para a aplicação do T6D.

O método será apresentado no item 3, e se trata de uma pesquisa bibliográfica exploratória, com pretensão de investigar um determinado tema e a compreendê-lo, podendo então, se utilizar de várias fontes de pesquisa (Losch; Rambo; Ferreira, 2023). Para análise e levantamento dos dados, serão utilizadas fontes de pesquisa por meio de livros de Meneghetti (1936 - 2013) e livros de outros pesquisadores sobre testes

¹ O elenco dos testes projetivos mencionados por Meneghetti encontra-se em nota de rodapé no livro: Imagem e inconsciente (2021) página 319.

projetivos pré-existentes ao T6D, bem como em artigos científicos que abordam a temática escolhida.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentaremos as fundamentações teóricas utilizadas neste trabalho, juntamente com os testes projetivos da Psicologia e o teste dos seis desenhos da ciência Ontopsicológica. Utilizando os testes projetivos de autores que utilizam destes métodos de análise, juntamente a técnicas, observação das aplicações, exemplos de testes e modo de uso em abordagens clínicas.

2.1 TESTES PROJETIVOS: MÉTODOS EMPREGADOS NA PSICOLOGIA

Os testes projetivos tiveram início por volta de 1939, por Frank que reuniu as técnicas que eram utilizadas, assim, considerava a teoria do mundo dos sentidos “significados, padrões e sentimentos, revelando aquilo que o sujeito não pode ou não quer dizer, frequentemente por não se conhecer bem” (Pinto, 2014. p 136), sendo assim, podendo abranger várias áreas do conhecimento, revelando aquilo que o indivíduo não deseja expressar e que está oculto pelo inconsciente.

Desde o início do século XX, os métodos projetivos são abordados na psicologia, mas muitas vezes foram vistos com ceticismo² por psicólogos que preferem trabalhar por meio dos testes objetivos (Pinto, 2014).

Pinto (2014) explica que Frank se baseou no conceito de projeção de Freud, inicialmente visto como um mecanismo de defesa. Com o tempo, essa ideia ganhou uma nova dimensão, passando a ser compreendida como um "impulsionador do homem em direção ao futuro, gerando a este homem a esperança de viver em um mundo que faz sentido para ele" (Veliq, 2016, p. 15), discute o conceito de projeção, destacando como ele se relaciona com os desejos e sentimentos inconscientes.

Hall (2022) descreve que, para Freud, “o inconsciente seria constituído de pulsões e desejos que, quando reprimidos, poderiam gerar efeitos nocivos à saúde psíquica ou, como chamava, neurose” (Hall, 2022. p.15). Freud acreditava que a comunicação do inconsciente era o método mais eficaz para compreender a situação do sujeito. Nesse contexto, a projeção é vista como uma ferramenta importante para

² São pensamentos filosóficos que questionam o poder do conhecimento absoluto.

diagnosticar esses traumas, facilitando assim, a eficácia do método na intervenção das resistências do indivíduo (Hall, 2022).

Pinto (2014) descreve que,

Acreditamos ser importante lembrar alguns dos principais conceitos que colaboraram para fundamentar a utilização dos métodos projetivos na prática clínica. Limitaremos aqui a uma breve abordagem de alguns conceitos psicanalíticos que oferecem fundamento para estes métodos: projeção, elaboração das fantasias, personificação e formação de compromisso. Pretendemos assim contribuir para fortalecer a confiança na interpretação dos materiais produzidos por associação livre diante dos materiais utilizados por estas técnicas (Pinto, 2014, p. 137).

O conceito de projeção, e abordado por Freud em diferentes perspectivas, envolve tanto o consciente quanto o inconsciente, Freud “para manter a originalidade de sua teoria, precisou evitar cuidadosamente este conceito” (Pinto, 2014, p. 138), o que mais tardar remove a influência negativa neste conceito, tornando-se relevante na prática clínica, sendo visto não apenas como um mecanismo de defesa, mas como uma forma de externalizar sentimentos inconsciente.

Dando sequência aos testes projetivos, exploraremos alguns dos testes desenvolvidos e utilizados na Psicologia. Esses testes tendem a trabalhar por meio de estímulos visuais, como por exemplo: manchas de tinta, figuras, expressão livre por meio de desenhos e histórias desenvolvidas pelo indivíduo.

Portanto, a interpretação das respostas é baseada na análise de padrões e temas desenvolvidos, que proporcionam uma visão da personalidade e aspectos relevantes do participante que são de modo inconsciente.

Particularmente, os testes projetivos são importantes em contextos clínicos, pois ajudam a compreender melhor os conflitos internos, o funcionamento psicológico e as dinâmicas de relacionamento do indivíduo, oferecendo insights cruciais para o diagnóstico e intervenção psicoterapêutica, pois são “os primeiros elementos tratados como projeção de tendências conscientes e inconscientes da personalidade” (Hammer, 1981, p. 12).

Rosa (2006) menciona que “O desenho tem sido empregado não só na avaliação geral do desenvolvimento infantil nos aspectos evolutivos e cognitivos, mas também como instrumento projetivo para avaliação da personalidade” (Rosa. H, 2006, p.20) desde modo a autora fortifica o uso dos desenhos para avaliação psicológica na clínica.

Apresentaremos na sequência alguns testes projetivos como: teste de Rorschach; Teste de Apercepção Temática (TAT); *Children's Apperception Test* (CAT); Teste do

Desenho da Figura Humana (Machover e Goodenough- Harris) e Teste HTP (*House-Tree- Person*).

A) Teste de Rorschach, que foi desenvolvido por Hermann Rorschach³, em 1921 foi publicado, sua aplicação consiste em estímulos visuais com manchas distintas, ambíguas e confusas, o teste consiste na reação verbal do cliente.

Ao total são 10 cartões “distintos com manchas de tinta simétricas, sendo que a metade das manchas é colorida e a outra metade é em preto e branco” (Furnham, 2021, p. 88), são apresentados um por um, e o participante é solicitado a descrever o que vê em cada mancha de tinta. As instruções são simples e diretas: não há respostas certas ou erradas, assim, tudo que for dito deve ser considerado (Furnham, 2021).

Portanto, mediante ao contexto de aplicação o teste pode ser utilizado em crianças, adolescentes, adultos, idosos, verificação de psicopatologias e para fins de seleção empresarial (Andrados, 1987), durante a aplicação o examinador deve registrar cuidadosamente as respostas verbais do indivíduo, anotando todas as informações descritas pelo cliente, o conteúdo das questões específicas.

O teste é conduzido em quatro fases, 1) amostragem dos cartões onde o cliente descreve o que vê, 2) após respostas o examinador pode fazer perguntas ao cliente, como (o que o participante vê) quanto a forma como as interpretações são expressadas (como ele denomina as imagens), 3) o examinador conta e classifica as respostas do indivíduo para cada mancha de tinta, analisando justamente a quantidade de respostas e 4) análise das respostas coletadas (Furnham, 2021).

Portanto, a análise do Teste de Rorschach envolve examinar os padrões temáticos e o conteúdo obtido das respostas, que “avalia processos reativos” (Buck, 2003, p. 143), contudo, revela a “organização básica da estrutura da personalidade, incluindo características da afetividade, sensualidade, vida interior, recursos mentais, energia psíquica e traços gerais e particulares do estado intelectual do indivíduo” (Andrados, 1987, p. 5).

Vaz (1980) destaca que o teste de Rorschach é de cunho quantitativo, sem omitir considerações qualitativas. Atribuindo apresentação simbólica aos cartões. O autor contribui com pontos determinantes para a verificação do teste que são referentes ao modo como o examinado percebeu “a cor da mancha, o formato, o movimento, o preto,

³ Psiquiatra e psicanalista (1884-1922).

a profundidade e que aparece e é verbalizada a percepção do examinando” (Vaz, 1980, p. 10).

Andrados (1987) menciona que o técnico que se utiliza do teste de Rorschach deve manter a neutralidade para evitar projetar seus próprios conflitos internos. Segundo a autora, "a qualidade de uma interpretação costuma estar em relação direta com os conhecimentos psicológicos do técnico que a elaborou" (Andrados, 1987, p. 12). Portanto, além de possuir habilidades intelectuais na aplicação do teste, o técnico deve ter uma sólida formação psicológica e estar atualizado com conhecimentos modernos de outras áreas, como filosofia, medicina, psicanálise etc. (Andrados, 1987).

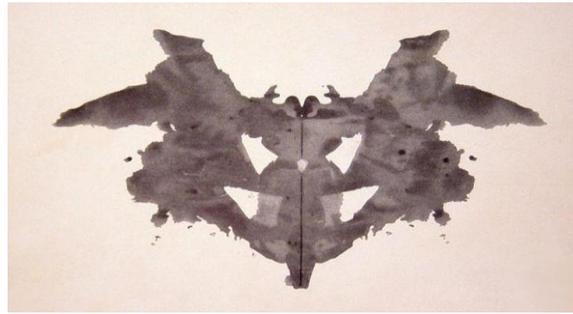
Vaz (1980) descreve os modos de condução referentes ao inquérito na abordagem após aplicação: 1) após a devolução da última lâmina, o examinador deve deixar claro que os próximos passos a seguir são conversas que irão auxiliar na sequência dos testes, pois o inquérito não é para se dizer o que é certo ou errado, e sim, para compreender tudo que foi dito até o momento; 2) importância de compreender e ter conhecimento de conteúdos e fenômenos, “consideramos ainda indispensável que o psicólogo tenha condições e domínio técnico suficientes, para durante o processo Aplicação-Inquérito” (Vaz, 1980, p. 22).

Dando sequência aos últimos dois pontos do inquérito 3 e 4,

3. As perguntas devem ser formuladas num clima de conversa simples e informal, sem tonalidade de questionamento, a fim de que o examinando possa se expressar e se conduzir sem constrangimento. 4. Ao se formular uma pergunta, todo cuidado deve ser tomado para que o examinando não seja condicionado, não seja induzido a repetir as mesmas respostas, nem — o que parece mais comprometedor ainda — a verbalizar um determinado elemento compatível com a pergunta formulada pelo examinador; ex.: Se na Lâm. I o examinando tivesse dado a resposta: "vejo um morcego" e no Inquérito o examinador perguntasse: como você está vendo o morcego? A pergunta está induzindo. A palavra como, a expressão como leva o examinando a responder se está em movimento ou não. Outro exemplo: Lâm. III - o sujeito diz na Aplicação: “aqui (apontando para a área central vermelha) me parece uma borboleta”. No Inquérito, se o psicólogo perguntasse: fale sobre a cor, que cor tem a borboleta? Ela é vermelha? Estaria, com tais perguntas induzindo-o a dar respostas cromáticas.” (Vaz, 1980, p. 22-23).

Seguindo, abaixo, a imagem da primeira prancha de aplicação do teste de Rorschach.

Figura 1- Primeira imagem da prancha de aplicação



Fonte: imagem retirada da internet, 2024. Disponível:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Teste_de_Rorschach acesso, 12 set, 2024.

Vaz (1980) descreve o modo como é feito o registro das posições das lâminas, ou seja, o modo como o examinado vai perceber a mancha e identificar o ponto onde vai dar a resposta.

Figura 2 - imagem da posição da folha (Rorschach).

^	= resposta dada na Lâmina em posição original.
∨	= resposta dada na Lâmina em posição invertida.
<	= resposta dada na Lâmina em posição lateral com a base virada para a direita do examinador.
>	= resposta dada na Lâmina em posição lateral, com a base virada para a esquerda do examinador.
⊖	= sinal indicativo de que ele fez um giro total da Lâmina para a direita.
⊗	= sinal indicativo de que ele fez um giro total da Lâmina para a esquerda.
6∨	= sinal de que fez giro total da Lâmina e terminou dando uma resposta. Dispensa-se o registro de original. Também não se repete na mesma Lâmina, o registro da segunda resposta, quando a posição da Lâmina, na primeira resposta, ou melhor dizendo, na resposta anterior foi a mesma da segunda. Um exemplo:

Fonte - Imagem retirada de Vaz (1980, p. 27).

Com isso, recomenda-se a leitura do teste descrito por Vaz (1980)⁴ de um homem, de 28 anos, onde atuava como engenheiro civil. Neste exemplo o autor possui exemplo de imagens referente às fichas de aplicação e inquérito, junto das localizações descritas pelo examinado mediante validação das manchas de tintas.

Na sequência seguiremos com a abordagem referente ao teste de Apercepção temática (TAT).

B) TAT é um teste projetivo, o qual foi desenvolvido por Henry Murray⁵ juntamente com seus colegas por volta da década de 1930, para criar o TAT Murray “partiu do princípio de que diferentes indivíduos frente a uma mesma situação vital, a

⁴ Exemplo para compreender o exemplo da planilha de inquérito, recomenda-se a leitura do Livro: O Rorschach teoria e desempenho de Cicero E. Vaz (1980. P. 52 até 58).

⁵ Psicólogo (1893-1988).

experimentam cada um a seu modo, de acordo com sua perspectiva pessoal” (Murray, 2005, p.11), baseando-se na teoria de que as pessoas projetam seus próprios sentimentos, motivações, opiniões, recordações e conflitos.

O TAT, “consiste em apresentar uma série de pranchas, selecionadas pelo examinador ao sujeito que deverá, assim, contar uma história sobre cada uma das pranchas” (Murray, 2005, p.13), muitas contendo personagens humanos e situações diversas. O número de cartões pode variar, mas tipicamente inclui 31 imagens (Murray, 2005).

instruções originais, a cada sujeito devem ser aplicados 20 estímulos, perfazendo o total de vinte histórias. O grau de realismo é variável, sendo as 10 primeiras mais estruturadas e as 10 últimas menos estruturadas. Cada prancha apresenta, impressos no verso, apenas um número ou um número seguido de uma ou mais letras. O número indica a ordem em que o estímulo deve ser apresentado, na série, e as letras terem-se ao gênero e/ou idade aos quais o estímulo se destina (Murray, 2005, p.13).

Durante a execução do teste, o examinador apresenta uma ou mais pranchas ao indivíduo e pede que ele conte uma história sobre cada imagem. As histórias devem ser contadas incluindo as descrições do que está acontecendo na imagem, o que pode ter ocorrido anteriormente e o que pode acontecer no futuro (Murray, 2005).

Por meio das narrativas criadas, o indivíduo revela suas preocupações, desejos, medos e conflitos internos, que identificam como o indivíduo lida com essas situações. Embora o teste não exija que o sujeito elabore os desenhos de forma espontânea, a história contada por ele é projetada a partir das imagens ambíguas apresentadas e contadas na execução do teste.

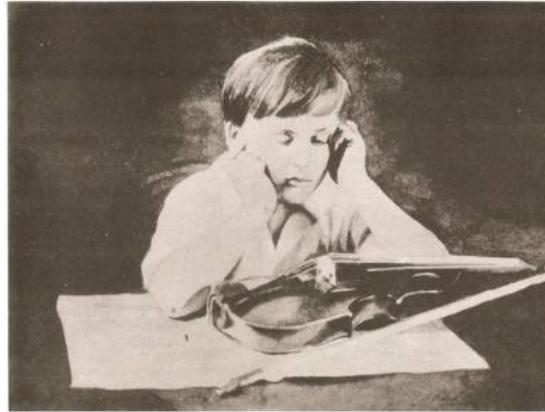
O TAT pode ser usado em vários cenários diferentes, neste caso, no âmbito clínico ele serve para obter uma visão mais ampla da personalidade do indivíduo, assim, para que auxilie no diagnóstico e dê sequência no tratamento (Murray, 2005).

O profissional que trabalha com a aplicação do TAT “deve ter um lastro fundado na experiência clínica, obtida por meio da observação, de entrevistas e de aplicação de testes com todo o de pacientes” (Murray, 2005, p. 25), caso deseje-se ter uma análise mais aprofundada é fundamental o conhecimento psicanalítico e prática nas interpretações dos sonhos e símbolos, ainda destaca, que o “TAT depende da possibilidade de aperfeiçoamento do examinador (instrumento esquecido da psicologia) mais do que do aperfeiçoamento do material” (Murray, 2005, p. 25).

Além disso, destaca-se a importância de uma análise clínica do indivíduo antes da aplicação do teste, pois, é necessário um conhecimento dos dados básicos com algumas informações descritivas dele.

Exemplo de interpretação de uma das imagens do TAT,

Figura 3- O menino e o Violino.



Fonte 3- Retirado da internet, 2024. Disponível:

<https://www.passeidireto.com/arquivo/66281351/tat-cat> acesso 12 set, 2024.

Murray (2005) descreve essa imagem como a primeira a ser aplicada e avaliada, por não representar uma situação ameaçadora para o sujeito, sendo assim, o primeiro estímulo apresentado, com capacidade de investigação na maneira como o indivíduo se adapta a novas situações.

A personagem é uma criança, geralmente percebida como distante do próprio sujeito, e a situação é relativamente estruturada. A temática mais frequente refere-se à relação com a autoridade (pais, professor), atitude frente ao dever e também ideal de ego (capacidade de realização, de atingir objetivos propostos). (1) O menino é forçado, geralmente por seus pais, a praticar e estudar violino; comumente relatado por sujeitos dominados por seus pais. Diante da exigência, o menino reage com passividade, conformidade, oposição, rebelião ou fuga na fantasia; reação que corresponde em geral àquela do sujeito em condições semelhantes na realidade (2) Outras histórias frequentes referem-se às aspirações, objetivos, dificuldades e realizações do herói, que comumente são produzidas por sujeitos ambiciosos (Murry, 2005, p.15).

Algumas situações de interpretações podem ser vistas de outro modo, assim, vê-se o menino dormindo ou cego, o violino sem cordas ou quebrado, o violino pode ser visto também como outro objeto (folha de papel ou brinquedo). O autor descreve pontos de omissões significativas “não se vê o arco, o violino ou ambos” (Murry, 2005, p. 15). Assim, a avaliação deve focar-se atentamente no que o sujeito relata na história. Por exemplo, se ele relatar que o violino está quebrado, o que pode ser indício de um

problema ainda mais sério, assim, poderá ser confirmado após a coleta dos dados, conforme previsto pelo protocolo de aplicação (Murry, 2005).

Algumas simbolizações são citadas por Murray (2005).

O herói está preocupado porque o violino, embora toque, tem uma corda quebrada: frequente em sujeitos que se sentem culpados por causa da masturbação ou que padecem de ansiedade de castração. (2) O herói fala sobre o mecanismo interno e funcionamento do violino: sujeitos preocupados (ansiedade de castração) ou curiosos sobre as questões sexuais (Murry, 2005, p.15).

Seguiremos com a sequência do CAT, que é uma adaptação do teste TAT.

C) O CAT é a abreviação de *Children's Apperception Test*, é um teste projetivo utilizado na avaliação psicológica de crianças e adolescentes. Desenvolvido por Leopold Bellak⁶ e Sonya Bellak em 1949, o CAT é uma adaptação do Teste de Apercepção Temática (TAT), desenvolvido por Henry Murray, assim, o CAT visa explorar aspectos da personalidade e da dinâmica emocional de crianças e jovens, onde oferece uma visão completa de seus processos psicológicos internos (Schelini e Benczik, 2010).

Tardivo (2016), destaca as duas divisões do CAT “Figuras de Animais (CAT-A)” e “Figuras Humanas (CAT-H)”, (Tardivo, 2016, p. 13) esses são os modos como o teste pode ser aplicado em avaliações representativas. O teste consiste em uma série de cartões que são imagens abstratas e parcialmente desenhadas. Cada cartão mostra cenas que são intencionalmente incompletas e abertas a interpretações que são,

interpretadas por meio de dez categorias: tema principal, herói principal, principais necessidades e impulsos do herói, concepção do ambiente, figuras vistas como conflitos significativos, natureza das ansiedades, principais defesas, adequação do superego e integração do superego (Schelini e Benczik, 2010, p. 3).

A ideia inicial é que as crianças projetem suas próprias experiências e sentimentos nas histórias que criam partindo dessas imagens a serem completadas. Assim, segundo Tardivo (2016) “CAT-A deve ser considerado como primeira opção na prática clínica, para crianças mais novas e o CAT-H poderá ser mais útil em crianças mais velhas” (Tardivo, 2016. p. 16).

⁶ Psicólogo, psicanalista e psiquiatra (1916- 2000)

Além das histórias contadas, o CAT deve ser apresentado a criança como um jogo, nele deve também considerar as respostas da criança, avaliando cada detalhe específico, por exemplo, como ela faz a elaboração da trama e manter-se vigilante e atento nas emoções as quais são expressadas durante a história, o teste permite evidenciar os mecanismos de defesa da criança, traços de personalidade, traumas e situações inconscientes.

Hirsch (1981), menciona um dos pontos importantes de atenção na aplicação do CAT mediante a abordagem do entrevistador,

O entrevistador pode intervir com perguntas que esclareçam mais o que foi dito, que funcionem como estímulo para que a criança se estenda mais ou que tenham por finalidade obter uma resposta mais completa possível, em relação às instruções. Essas perguntas não podem, de modo algum, sugerir situações determinadas. Em geral, salvo com crianças muito pequenas, basta interrogar suficientemente na primeira prancha. Logo, se nas pranchas seguintes aparecem alterações em relação às instruções, estas alterações devem ser consideradas como dado significativo” (Hirsch, 1981, p.150).

A autora descreve três pautas: “A) Percepção da situação; B) Pessoas (nesse caso “animais”) incluídas e suas relações; C) A história como estrutura e como realização” (Hirsch, 1981, p .151), a ideia é avaliar e aproveitar as informações das pautas na aplicação do CAT.

Figura 4 - Pautas propostas no CAT.



Fonte: Imagem ilustrativa criada pela autora (2024) com referência (Hirsch, 1981, p.150)⁷.

⁷ Para maior compreensão recomenda-se a leitura do Livro: O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas (1981), Capítulo VI p.151 a 153.

Abaixo, exemplo da prancha 1 do teste CAT-A,

Figura 5 – Primeira prancha do CAT-A



Fonte – Imagem retirada da internet, 2024.⁸

Portanto, no desenho da prancha 1 sugere-se que o aplicador trabalhe da seguinte forma: inicie contando a história e na sequência a criança elabore o restante, por exemplo,

Era uma vez três pintinhos que eram muito travessos... A mamãe galinha foi buscar a comida... Trouxe-a e foi fazer as compras... Disse-lhes. 'Esperem, crianças. Não se sirvam sozinhas'... Então, como eram muito travessos, comeram tudo sozinhos..., mas o que era mais travesso era o do meio... E o que aconteceu?... Ouviram na porta que a mãe estava chegando... foram para o quarto deles... a mãe veio... viu que não havia mais comida... e deu-lhes uma grande palmada... e assim aprenderam que não deviam se servir sozinhos." (Hirsch, 1981, p.153)

Desta forma, apresenta-se a introdução que dá sequência das pautas incluídas na aplicação do CAT, descritas por Hirsch (1981) elaborada de acordo com as diretrizes de Bellak. Essa estrutura de aplicação permite uma análise aprofundada das respostas seguintes do participante, a mesma lógica é seguida nas demais pranchas. Seguiremos com o teste da figura humana.

D) O Teste da Figura Humana foi desenvolvido por Karen Machover⁹ Trata-se de uma técnica projetiva de avaliação psicológica que se baseia na análise de desenhos feitos por indivíduos, cujo o intuito é de obter informações sobre seu desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Neves (2011), destaca que no ano de 1926, “o desenho da

⁸ Acesso em 16 set, 2024: Disponível: <https://pt.scribd.com/presentation/391064920/Teste-de-Apercepcao-Infantil-CAT-a-CAT-H-e-CAT-S>

⁹ Psicóloga (1902-1996)

figura humana começou a ser utilizado como medida de avaliação da inteligência infantil” (Neves, 2011, p. 32)

O teste tem abrangência em contextos clínicos e educacionais para avaliar o estado emocional e o desenvolvimento psicológico, especialmente em crianças e adolescentes. A tarefa é desenhar uma figura humana, onde permite que o técnico que faz a aplicação deste teste obtenha diretivas sobre como uma criança vê a si mesma e como lida com questões de identidade e como ela se vê mediante a figura projetada (Neves, 2011).

Levy (1981) dispõe das instruções de como o examinador conduz a solicitação do desenho da figura humana “Por favor, desenhe uma pessoa” (Levy, 1981 p. 66), a introdução mencionada pelo examinador pode trazer questionamento por parte do indivíduo em avaliação, com perguntas de como deve ser a pessoa, se pode ocupar toda a folha, vestimenta e perguntas similares que se referem a figura desejada. Portanto, é fundamental que o técnico deixe claro que pode ser do modo que o indivíduo desejar, sem restrições em relação à forma que deve dar sequência à figura desenhada, deve-se deixar estabelecido apenas que é essencial que a figura seja de modo completa (Levy, 1981).

Deve ser levado em consideração qualquer tipo de relutância do indivíduo durante a aplicação do teste. Como ressalta Levy (1981, p. 66). “o psicólogo clínico está tão interessado no comportamento do sujeito antes e durante o ato de desenhar quanto na produção artística”.

Se durante a aplicação surgir algumas divergências na execução da figura humana o examinador deve avaliar cuidadosamente,

Se o sujeito desenha uma figura incompleta, pede-se-lhe que pegue outra folha e desenhe uma figura completa. O examinador deve se lembrar de numerar cada folha consecutivamente). É necessário explicar o que se quer dizer por figura completa. Uma figura que inclua a parte mais importante das principais quatro áreas do corpo é aceitavelmente completa. As quatro áreas do corpo são a cabeça, o tronco, os braços e as pernas. Se qualquer uma dessas áreas for completamente omitida, a figura é incompleta. Contudo, se apenas uma parte da área for omitida - por exemplo, as mãos, os pés ou uma das partes da face - o desenho é considerado adequadamente completo. Se o sujeito desenha uma caricatura, uma figura de "palitos", um estereótipo ou uma representação abstrata, pedimos que escolha uma folha adicional e desenhe uma pessoa; estereótipos, caricaturas etc. (qualquer que seja o caso) não são aceitáveis, e as instruções são repetidas até que resultem no desenho de uma figura satisfatória. O examinador possui agora um ou mais desenhos numerados consecutivamente, dos quais pelo menos um é uma figura aceitavelmente completa. Se a figura for do sexo masculino, o examinador agora diz: "Isto é uma figura do sexo masculino, por favor desenhe agora

uma do sexo feminino." Se a primeira figura for do sexo feminino, o examinador dirá: "Você desenhou uma figura do sexo feminino; agora por favor desenhe uma figura do sexo masculino." As reações do sujeito podem variar de maneira semelhante às previamente descritas, e as respostas do examinador são apropriadas (Levy, 1981, p. 67).

Nesta temática, destaca-se também o teste da figura humana de Goodenough¹⁰ que depois foi revisto por Harris¹¹ em 1963 onde destaca que o teste da figura humana não deveria ser visto como uma medida de inteligência, e sim, como uma evolução de maturidade intelectual e conceitual visto que “ a criança, ao desenhar a figura humana, estaria expressando seu conceito de ser humano e sua compreensão das características essenciais que compõem o mesmo” (Wechsler e Scheline, 2002, p.30).

O teste é conhecido pelo nome original *Draw-a-Man test*, é um teste utilizado por educadores e psicólogos (Rosa, 2006) de modo avaliativo de projeção com capacidade de identificar o desenvolvimento cognitivo e sentimental das crianças, o método utilizado é solicitar à criança que desenhe uma figura humana, onde pode incluir os outros membros da família.

Goodenough descreve o teste partindo da ideia de que “a criança, ao desenhar a figura humana, desenha o que ela sabe a seu respeito e não o que vê, portanto, expressa seu repertório conceitual mais do que sua habilidade artística; é uma atividade intelectual mais do que estética” (Rosa, 2006, p. 7).

A interpretação do teste da figura humana, leva em consideração alguns elementos relacionados a proporção, detalhes, algumas características específicas no retrato, que podem indicar diferentes níveis de desenvolvimento social e emocional da criança (Rosa, 2006).

Além disso, o teste é conhecido por seus resultados, segundo as autoras Wechsler e Scheline (2002) a “evolução nos traços ou características apresentadas no desenho da figura humana à medida que a idade da criança aumentava, demonstrando assim ser o desenho um importante instrumento para a avaliação do desenvolvimento cognitivo infantil” (Wechsler e Scheline, 2002, p.30), sendo assim, uma ferramenta eficaz para as aplicações em contextos educacionais e clínicos.

Algumas mudanças significativas podem ocorrer durante a aplicação em relação ao que seria considerado um desenho comum para a idade de uma criança em avaliação, podendo então, indicar preocupações emocionais ou psicológicas , “o desenho da figura

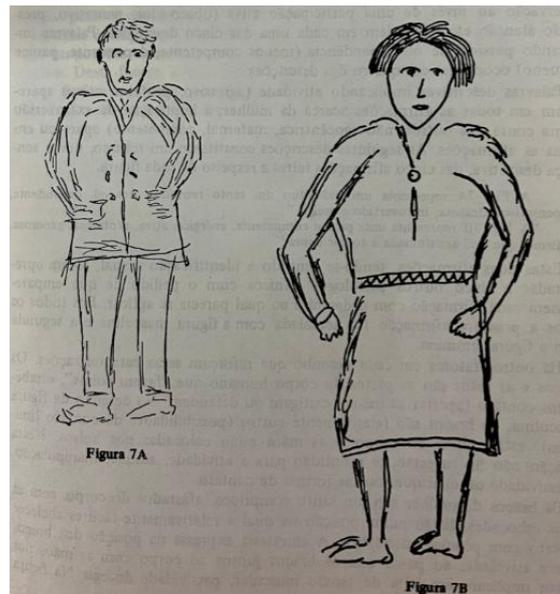
¹⁰ (1888-1972)

¹¹ (1910-1997)

humana será um reflexo de um momento específico do desenvolvimento infantil, no qual são expressos os medos e ansiedades típicas dessa mesma fase” (Neves, 2011, p. 34).

Exemplo de aplicação e análise da figura humana, imagem retirada do livro: Aplicações Clínicas dos desenhos projetivos de Emanuel F. Hammer (1981), exemplo descrito e imagem por Levy (1981, p.73)

Figura 6 – imagem da figura humana (homem e mulher)



Fonte: Aplicações Clínicas dos desenhos projetivos de Emanuel F. Hammer (1981), exemplo descrito em imagem por Levy (1981, p.73).

Pontos de análise, nomeadas como figura 7A e Figura 7B o autor descreve que em uma análise pode-se identificar que a figura representada masculina é menor e com braços curtos se comparado a figura feminina, e passivo, deste modo, se trata de uma verificação visível entre os projetados, portanto,

Esta interpretação se baseia nos seguintes elementos: a atitude da mulher, sua postura e seus braços sugerem atividade, ao passo que a postura, os braços e as mãos da figura masculina transmitem a impressão de que ela não está em movimento, e sim de pé, com as mãos nos bolsos, observando. A partir disso podemos dar um passo adiante, mais afastado do desenho objetivo, para a interpretação de que o sujeito vê o homem como inativo (passivo) e introvertido, ao passo que a mulher é vista como ativa, extrovertida e agressiva. É fácil verificar que este é o sentimento geral transmitido por estes desenhos, de modo similar à técnica por mim usada. O par de desenhos foi apresentado a cinco psicólogos clínicos com o pedido de que descrevessem cada uma das figuras tão sucintamente como possível. A partir das cinco afirmações feitas sobre o homem (todas as cinco estavam de acordo quanto à caracterização essencial), as palavras descritivas que apareciam com maior frequência foram tabuladas. Palavras que implicavam uma atitude de observação ao invés de uma participação ativa (observador, pensativo, prestando atenção etc.) ocorriam em cada uma das cinco descrições. Palavras

implicando passividade ou dependência (menos competente, dependente, parece pequeno) ocorreram em quatro das descrições. (Levy, 1981, p. 74).

Assim, a análise da figura 7A é entendida como um sujeito retraído, pensativo, passivo, dócil e sensível. Em contrapartida a figura 7B é definida como ativa, lida com as situações de modo resolutivo, protetora e forte (Levy, 1981).

Com base nas análises destes desenhos, o autor descreve o indivíduo (sexo masculino) como alguém que se sente inferior as mulheres, introvertido, pensativo sensível, retraído e que vê as mulheres como ameaçadoras, este modo caracteriza uma vulnerabilidade por parte do indivíduo nas relações com as mulheres.

O fato de tanto a mulher como o homem estarem cuidadosamente delineados, com uma sugestão de cinto e linha de pescoço, sugere que o sujeito que desenhou tais figuras é um indivíduo um tanto compulsivo com alguma inclinação para o detalhe e a ordem. A maneira pela qual o esboço da figura masculina é traçado e retraçado - o paletó é desenhado e depois redesenhado em proporções corretas - reforça a interpretação da compulsividade e da ordem. (Levy 1981, p.75)

Esta análise se dá devido ao modo como é conduzida a interpretação, avaliando o tamanho de uma figura em relação a outra, proporção, os traços, como ela se dispõe, vestimentas e outros aspectos que podem ser avaliados pelo técnico mediante a conversa.

Embora o Teste da Figura Humana tenha suas limitações, assim como alguns de outros métodos projetivos, ele continua sendo um método útil na aplicação psicológica (Rosa, 2006). Apresenta-se a seguir o teste HTP.

E) O teste H-T-P significa *house-tree-Person*¹² onde trata-se de uma técnica projetiva conhecida e utilizada na psicologia para avaliar aspectos que “estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito dentro da situação terapêutica, permitindo que eles sejam identificados com o propósito de avaliação e usados para estabelecimento de comunicação terapêutica efetiva” (Buck, 2003, p.1).

A técnica foi desenvolvida por John N. Buck¹³ Em 1948, o H-T-P se baseia na ideia de que os indivíduos projetam suas próprias percepções, sentimentos, aspecto de personalidade e conflitos internos, mediante a terapias fornece informações que, quando juntas à entrevistas e outros instrumentos de avaliação podem revelar mudanças significativas no estado psicológico do indivíduo. O teste deve ser aplicado como uma

¹² Casa-árvore-pessoa (tradução pela autora, 2024).

¹³ Psicólogo clínico (1906-1983).

avaliação inicial ou em uma análise clínica em andamento onde requer uma precisa intervenção (Buck, 2003).

Buck (2003) descreve que, o aplicador do teste deve ter treinamento seguido de supervisão, pois precisa ter experiência e coerência durante a verificação dos resultados, o acompanhamento junto a um técnico profissional é essencial.

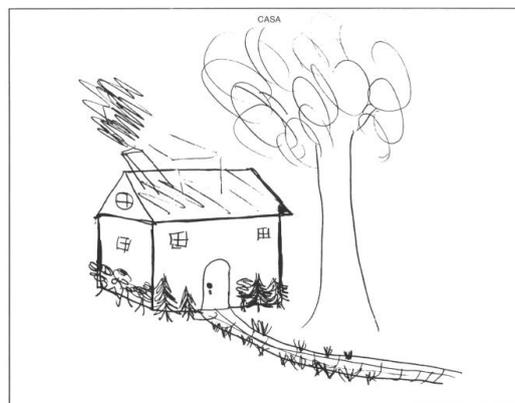
Seguindo o protocolo da elaboração do teste,

O cliente deve sentar-se em frente a uma mesa, em uma posição confortável para desenhar. A sala ou área onde o desenho será feito deve ser silenciosa e sem distrações. A aplicação do H-T-P requer de 30 a 90 minutos, dependendo do número de desenhos solicitados pelo examinador. No mínimo, podem ser pedidos três desenhos e conduzido um inquérito sobre cada desenho. O tempo da interpretação variará de acordo com o nível de experiência do clínico. (Buck, 2003, p.4)

Assim, Buck (2003) descreve que o desenho da Casa¹⁴ É interpretado para revelar como a pessoa vê a si mesma, ambiente familiar e suas relações cotidianas a “casa geralmente referem-se à acessibilidade, nível de contato com a realidade e grau de rigidez do indivíduo” (Buck, 2002, p. 42).

Exemplo desenho da casa, retirada do livro H-T-P,

Figura 7- H-T-P casa.



Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 24)

Todos os desenhos abordados pelo teste H-T-P, possuem uma ficha de interpretação, deste modo apresenta-se o exemplo interpretativo da figura da casa.

Ficha referente à interpretação da casa, retirada do livro H-T-P.

¹⁴ House;

Figura 8- ficha de interpretação – HTP casa

LISTA DE CONCEITOS INTERPRETATIVOS								
<p>Verifique características incomuns que possam indicar sinais de patologia ou potencial para patologia quando consideradas em combinação com a história do paciente, problemas apresentados e respostas a outros instrumentos de avaliação. Os conceitos interpretativos listados não são exaustivos e constituem apenas linhas gerais de orientação. Interpretações clínicas devem ser baseadas na experiência clínica e nos conhecimentos do Manual do H-T-P ou de outros materiais publicados.</p>								
<table border="1" style="width: 100%;"> <thead> <tr> <th style="text-align: center;">CASA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> <p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Poucas rasuras</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Simétrico</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Deficiências aceitas com bom humor</p> </td> </tr> </tbody> </table>	CASA	<p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Poucas rasuras</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Simétrico</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Deficiências aceitas com bom humor</p>	<table border="1" style="width: 100%;"> <thead> <tr> <th style="text-align: center;">ÁRVORE</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> <p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p>S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p>S/N Poucas rasuras</p> <p>S/N Simétrico</p> <p>S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p>S/N Deficiências aceitas com bom humor</p> </td> </tr> </tbody> </table>	ÁRVORE	<p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p>S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p>S/N Poucas rasuras</p> <p>S/N Simétrico</p> <p>S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p>S/N Deficiências aceitas com bom humor</p>	<table border="1" style="width: 100%;"> <thead> <tr> <th style="text-align: center;">PESSOA</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> <p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p>S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p>S/N Poucas rasuras</p> <p>S/N Simétrico</p> <p>S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p>S/N Deficiências aceitas com bom humor</p> <p>S/N Próprio sexo desenhado primeiro e mais elaborado</p> <p>S/N Características sexuais secundárias incluídas (adulto)</p> <p>S/N Pupilas desenhadas</p> <p>S/N Nariz sem narinas</p> <p>S/N Roupas e cinto indicados</p> <p>S/N Pés e orelhas</p> <p>S/N Apenas omissões secundárias</p> </td> </tr> </tbody> </table>	PESSOA	<p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p>S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p>S/N Poucas rasuras</p> <p>S/N Simétrico</p> <p>S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p>S/N Deficiências aceitas com bom humor</p> <p>S/N Próprio sexo desenhado primeiro e mais elaborado</p> <p>S/N Características sexuais secundárias incluídas (adulto)</p> <p>S/N Pupilas desenhadas</p> <p>S/N Nariz sem narinas</p> <p>S/N Roupas e cinto indicados</p> <p>S/N Pés e orelhas</p> <p>S/N Apenas omissões secundárias</p>
CASA								
<p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Poucas rasuras</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Simétrico</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p><input type="checkbox"/> S/N Deficiências aceitas com bom humor</p>								
ÁRVORE								
<p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p>S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p>S/N Poucas rasuras</p> <p>S/N Simétrico</p> <p>S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p>S/N Deficiências aceitas com bom humor</p>								
PESSOA								
<p>Características Normais (circule "S" se estiver na faixa normal)</p> <p>S/N Tempo 10-12 minutos, latência < 30 segundos</p> <p>S/N Poucas rasuras</p> <p>S/N Simétrico</p> <p>S/N Linhas não esboçadas ou reforçadas</p> <p>S/N Deficiências aceitas com bom humor</p> <p>S/N Próprio sexo desenhado primeiro e mais elaborado</p> <p>S/N Características sexuais secundárias incluídas (adulto)</p> <p>S/N Pupilas desenhadas</p> <p>S/N Nariz sem narinas</p> <p>S/N Roupas e cinto indicados</p> <p>S/N Pés e orelhas</p> <p>S/N Apenas omissões secundárias</p>								
<p>Observações Gerais (veja as observações da sessão na 1ª página do Protocolo e do Inquérito Posterior ao Desenho)</p> <p>___ Atitude</p> <p>___ Capacidade Crítica</p> <p>___ Rasuras (incerteza, conflito, indecisão, autocrítica, ansiedade)</p> <p>___ Comentários espontâneos</p> <p>___ Tempo, latência, pausas</p>	<p>Observações Gerais (veja as observações da sessão na 1ª página do Protocolo e do Inquérito Posterior ao Desenho)</p> <p>___ Atitude</p> <p>___ Capacidade Crítica</p> <p>___ Rasuras (incerteza, conflito, indecisão, autocrítica, ansiedade)</p> <p>___ Comentários espontâneos</p> <p>___ Tempo, latência, pausas</p>	<p>Observações Gerais (veja as observações da sessão na 1ª página do Protocolo e do Inquérito Posterior ao Desenho)</p> <p>___ Atitude</p> <p>___ Capacidade Crítica</p> <p>___ Rasuras (incerteza, conflito, indecisão, autocrítica, ansiedade)</p> <p>___ Comentários espontâneos</p> <p>___ Tempo, latência, pausas</p>						
<p>Proporção</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Tamanho da figura em relação à página. <i>Crianças normais apresentam mais variabilidade no tamanho dos desenhos do que os adultos normais.</i></p> <p>Grande: ambiente restritivo, tensão, compensação.</p> <p>Pequeno: insegurança, retraimento, descontentamento, regressão</p> <p>___ Detalhe para a figura: simetria</p> <p>Simetria excessiva: rigidez, fragilidade</p> <p>Distorções.</p> <p>Óbvias: psicose, organicidade, <i>Crianças normais sob estresse</i></p> <p>Moderadas: ansiedade</p> <p>___ Outros _____</p>	<p>Proporção</p> <p>___ Tamanho da figura em relação à página. <i>Crianças normais apresentam mais variabilidade no tamanho dos desenhos do que os adultos normais.</i></p> <p>Grande: ambiente restritivo, tensão, compensação.</p> <p>Pequeno: insegurança, retraimento, descontentamento, regressão</p> <p>___ Detalhe para a figura: simetria</p> <p>Simetria excessiva: rigidez, fragilidade</p> <p>Distorções.</p> <p>Óbvias: psicose, organicidade, <i>Crianças normais sob estresse</i></p> <p>Moderadas: ansiedade</p> <p>___ Outros _____</p>	<p>Proporção</p> <p>___ Tamanho da figura em relação à página. <i>Crianças normais apresentam mais variabilidade no tamanho dos desenhos do que os adultos normais.</i></p> <p>Grande: ambiente restritivo, tensão, compensação.</p> <p>Pequeno: insegurança, retraimento, descontentamento, regressão</p> <p>___ Detalhe para a figura: simetria</p> <p>Simetria excessiva: rigidez, fragilidade</p> <p>Assimetria: inadequação física, confusão de gênero.</p> <p>Distorções.</p> <p>Óbvias: psicose, organicidade, <i>Crianças normais sob estresse</i></p> <p>Moderadas: ansiedade</p> <p>___ Outros _____</p>						

Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 26 até 30).

CONTINUAÇÃO,

Figura 9- continuação ficha de interpretação – H-T-P casa

CASA	ÁRVORE	PESSOA
<p>Perspectiva</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Localização do desenho na página</p> <p>À esquerda: retraimento, regressão, organicidade (hemisfério esquerdo), preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade, necessidade de gratificação imediata</p> <p>À direita: preocupação com o ambiente, antecipação do futuro, estabilidade/controle, capacidade de adiar a gratificação</p> <p>Central: rigidez, <i>Comum em crianças pequenas.</i></p> <p>Superior: esforço irrealista, satisfação na fantasia, frustração. <i>Superior à esquerda é comum em crianças pequenas.</i></p> <p>Inferior: concretismo, depressão, insegurança, inadequação.</p> <p>— Rotação: oposição</p> <p>— Queda sugerida: extrema angústia</p> <p>— Margens do Papel</p> <p>Inferior: necessidade de apoio</p> <p>Lateral: sentimento de constrição</p> <p>Superior: medo ou fuga do ambiente</p> <p>Margem impedindo completamente do desenho: organicidade</p> <p>— Relação com o observador</p> <p>Vista de cima: rejeição, grandiosidade compensatória</p> <p>Vista de baixo: retraimento, inferioridade</p>	<p>Perspectiva</p> <p>— Localização do desenho na página</p> <p>À esquerda: retraimento, regressão, organicidade (hemisfério esquerdo), preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade, necessidade de gratificação imediata</p> <p>À direita: preocupação com o ambiente, antecipação do futuro, estabilidade/controle, capacidade de adiar a gratificação</p> <p>Central: rigidez, <i>Comum em crianças pequenas.</i></p> <p>Superior: esforço irrealista, satisfação na fantasia, frustração. <i>Superior à esquerda é comum em crianças pequenas.</i></p> <p>Inferior: concretismo, depressão, insegurança, inadequação.</p> <p>— Rotação: oposição</p> <p>— Queda sugerida: extrema angústia</p> <p>— Margens do Papel</p> <p>Inferior: necessidade de apoio</p> <p>Lateral: sentimento de constrição</p> <p>Superior: medo ou fuga do ambiente</p> <p>Margem impedindo completamente do desenho: organicidade</p> <p>— Relação com o observador</p> <p>Vista de cima: rejeição, grandiosidade compensatória</p> <p>Vista de baixo: retraimento, inferioridade</p>	<p>Perspectiva</p> <p>— Localização do desenho na página</p> <p>À esquerda: retraimento, regressão, organicidade (hemisfério esquerdo), preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade, necessidade de gratificação imediata</p> <p>À direita: preocupação com o ambiente, antecipação do futuro, estabilidade/controle, capacidade de adiar a gratificação</p> <p>Central: rigidez, <i>Comum em crianças pequenas.</i></p> <p>Superior: esforço irrealista, satisfação na fantasia, frustração. <i>Superior à esquerda é comum em crianças pequenas.</i></p> <p>Inferior: concretismo, depressão, insegurança, inadequação.</p> <p>— Rotação: oposição</p> <p>— Queda sugerida: extrema angústia</p> <p>— Margens do Papel</p> <p>Inferior: necessidade de apoio</p> <p>Lateral: sentimento de constrição</p> <p>Superior: medo ou fuga do ambiente</p> <p>Margem impedindo completamente do desenho: organicidade</p> <p>— Relação com o observador</p> <p>Vista de cima: rejeição, grandiosidade compensatória</p> <p>Vista de baixo: retraimento, inferioridade</p>
<p>Distância: inacessibilidade, sentimentos de rejeição, situação no lar fora de controle</p> <p>Posição/apresentação – desenhada por trás: retraimento, paranóia</p> <p>— Linha de solo: necessidade de segurança, ansiedade</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Transparências: pobre orientação para a realidade; <i>Não incomum em crianças pequenas</i></p> <p>— Movimento</p> <p>— Outros _____</p>	<p>Distância: retraimento</p> <p>Posição/apresentação – se não está de frente: retraimento, paranóia</p> <p>— Linha de solo: necessidade de segurança, ansiedade</p> <p>— Transparências: pobre orientação para a realidade; <i>Não incomum em crianças pequenas</i></p> <p>— Movimento: pressões ambientais</p> <p>— Outros _____</p>	<p>Distância: retraimento</p> <p>Posição/apresentação – perfil completo ou de costas: retraimento, paranóia</p> <p>Postura grotesca: psicopatologia severa</p> <p>Mistura de perfil e frente: organicidade, retardamento, psicose</p> <p>— Linha de solo: necessidade de segurança, ansiedade</p> <p>— Transparências: orientação pobre para a realidade; psicose se representar órgãos internos. <i>Não incomum em crianças pequenas</i></p> <p>— Movimento</p> <p>— Outros _____</p>

Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 26 até 30).

CONTINUAÇÃO,

Figura 10- continuação ficha de interpretação – H-T-P casa

CASA	ÁRVORE	PESSOA
<p>Detalhes</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Excessivos: obsessividade compulsiva, ansiedade</p> <p><input type="checkbox"/> Falta: retraimento; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p><input type="checkbox"/> Bizarros: psicose; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Detalhes Essenciais: uma parede, telhado, porta, janela, chaminé <i>Comumente omitida em crianças pequenas</i></p> <p><input type="checkbox"/> Antropomórficos: regressão, organicidade; <i>Não incomum em crianças</i></p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Chaminé</p> <p>Ênfase: preocupações sexuais</p> <p>Omissão: falta de calor no lar</p> <p>Furnaça excessiva: tensão intensa no lar</p> <p>Em ângulo reto: regressão; <i>Não incomum em crianças</i></p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Porta</p> <p>Ausência: inacessibilidade, isolamento</p> <p>Grande: dependência</p> <p>Pequena: reserva, inadequação, indecisão</p> <p>Com dobradiça / fechadura: atitude defensiva</p> <p>Aberta: necessidade de calor</p> <p><input type="checkbox"/> Omissões: conflito relativo à parte omitida</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Telhado</p> <p>Ênfase: introversão, fantasia</p> <p>Apenas telhado: psicose</p> <p>Linha simples: constrição</p> <p>Beiral enfatizado: desconfiança</p> <p><input type="checkbox"/> Paredes</p> <p>Finas ou fracas: limites do ego fracos</p> <p>Ênfase: esforço para manter o controle do ego</p> <p>Ausência: contato pobre com a realidade</p> <p>Perspectiva dupla: regressão</p> <p><i>Não incomum em crianças pequenas</i></p> <p>Transparentes: <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Ênfase horizontal: pressões ambientais</p> <p>Ênfase vertical: contato pobre com a realidade, preocupações sexuais; <i>Comum em crianças pequenas</i></p>	<p>Detalhes</p> <p><input type="checkbox"/> Excessivos: obsessividade compulsiva, ansiedade</p> <p><input type="checkbox"/> Falta: retraimento; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p><input type="checkbox"/> Bizarros: psicose; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Detalhes Essenciais: tronco e pelo menos um galho</p> <p><input type="checkbox"/> Galhos</p> <p>Excessivos: compensação, mania</p> <p>Muito altos: esquizoidia</p> <p>Quebrados/mortos: possibilidade de suicídio, impotência</p> <p>Cobertos de algodão: culpa</p> <p>Como espelho das raízes: psicose</p> <p><input type="checkbox"/> Copa</p> <p>Em forma de nuvens: fantasia</p> <p>Rabiscada: labilidade</p> <p>Achatada: pressão do ambiente, negação</p> <p><input type="checkbox"/> Linha de solo</p> <p>Árvore desenhada numa depressão da linha do solo: incapacidade</p> <p>Árvore desenhada no topo de uma colina: grandiosidade, isolamento</p> <p><input type="checkbox"/> Buraco de fechadura, "Nigg's": oposição, hostilidade</p> <p><input type="checkbox"/> Omissões: conflito relativo a parte omitida</p> <p><input type="checkbox"/> Dividida: psicose, organicidade</p> <p><input type="checkbox"/> Tronco</p> <p>Base larga: dependência</p> <p>Longo: regressão, inadequação</p> <p>Cicatrizes: trauma</p> <p>Unidimensional: organicidade</p> <p>Animais: regressão; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Ênfase vertical: contato com a realidade pobre, preocupações sexuais; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Base estreita: perda de controle</p> <p><input type="checkbox"/> Tipo</p> <p>Frutífera ou de Natal: dependência, imaturidade; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Morta: distúrbios severos</p> <p>Árvore com muda: regressão</p>	<p>Detalhes</p> <p><input type="checkbox"/> Excessivos: obsessividade compulsiva, ansiedade</p> <p><input type="checkbox"/> Falta: retraimento; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p><input type="checkbox"/> Bizarros: psicose; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Detalhes Essenciais: cabeça, tronco, braços, pernas, traços faciais. <i>Omissão de partes do corpo são comuns em crianças pequenas.</i></p> <p><input type="checkbox"/> Braços</p> <p>Ênfase: grande necessidade de realização, agressão, punição se não for desenhada a própria pessoa</p> <p>Muito finos: dependência, organicidade</p> <p>Omitidos – muito pequenos – ocultos: culpa, inadequação, rejeição se não for desenhada a própria pessoa</p> <p>Em forma de asa: esquizoidia</p> <p><input type="checkbox"/> Cabeça</p> <p>Grande: regressão, grandiosidade <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Pequena: inadequação</p> <p>Irregular ou não ligada: organicidade, psicose</p> <p>Apenas de costas: paranóia</p> <p>Desenhada por último: psicopatologia severa</p> <p><input type="checkbox"/> Traços faciais</p> <p>Omitidos ou leves: retraimento</p> <p>Ênfase: dominação social compensatória</p> <p>Perfil: paranóia</p> <p>De animal ou bizarros: psicose</p> <p>Sombreamento ou outra cor que não seja a cor da pele: psicopatologia severa</p> <p><input type="checkbox"/> Olhos</p> <p>Ênfase: paranóia</p> <p>Pequenos – fechados – omitidos: introversão, voyeurismo</p> <p>Pupilas omitidas: contato pobre com a realidade; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p><input type="checkbox"/> Orelhas</p> <p>Ênfase excessiva: paranóia, alucinações auditivas</p>

Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 26 até 30).

CONTINUAÇÃO,

Figura 11- continuação ficha de interpretação – HTP casa

CASA	ÁRVORE	PESSOA
<p>Detalhes (continuação)</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Janelas</p> <p>Ênfase: ambivalência social</p> <p>Ausência: retraimento</p> <p>Muitas: exibicionismo</p> <p>Abertas: controle do ego pobre</p> <p>Sem vidraça: hostilidade</p>	<p>Detalhes (continuação)</p> <p>Vento soprando: pressões ambientais</p>	<p>Detalhes (continuação)</p> <p>___ Boca</p> <p>Ênfase: dependência; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Omitida: agressão oral, depressão</p> <p>Dentes: agressão</p> <p>___ Nariz</p> <p>Ênfase: preocupações sexuais; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>___ Gênero</p> <p>Oposto desenhado primeiro: conflito com a identificação do gênero</p> <p>___ Pernas</p> <p>Omitidas, diminuídas, cortadas: desamparo, perda de autonomia</p> <p>Posição juntas: rigidez, tensão</p> <p>Posição afastadas: agressão</p> <p>Posição instável: insegurança, dependência</p> <p>___ Omissões: conflito relativo à parte omitida</p> <p>___ Tronco e corpo aberto, fragmentado ou omitido: psicopatologia severa, organicidade; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>Seios: imaturidade</p> <p>Linha mediana vertical: inferioridade, dependência</p> <p>Ombros quadrados ou enfatizados: hostilidade</p> <p>Linha da cintura enfatizada:</p>
<p>___ Detalhes Não Essenciais</p> <p>Ênfase nas cortinas: retraimento, evasão</p> <p>Ênfase nas calhas: defesa, desconfiança</p> <p>Venezianas fechadas: retraimento</p> <p>___ Outros _____</p>	<p>___ Detalhes Não Essenciais</p> <p>Ênfase na casca da árvore: ansiedade, depressão; meticulosidade: obsessividade compulsiva</p> <p>Folhas soltas: falha nos mecanismos de superar dificuldades</p> <p>Grandes: compensação</p> <p>Raízes omitidas: insegurança; garras: paranóia; finas/ chão transparente/ mortas: contato pobre com a realidade, organicidade</p> <p>Trepadeiras: perda de controle</p> <p>Frutas: dependência, rejeição se estiverem caindo; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>___ Outros _____</p>	<p>___ Detalhes Não Essenciais</p> <p>___ Roupas</p> <p>Muita ou pouca roupa: narcisismo, desajustamento sexual</p> <p>Ênfase em botões: imaturidade; <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p>___ Genitais desenhados: patologia, a não ser para crianças muito novas; <i>Comum em estudantes de artes ou em adultos em psicanálise</i></p> <p>___ Pés</p> <p>Omitidos ou cortados: desamparo, perda de autonomia, preocupações sexuais</p> <p>Dedos dos pés em figura vestida: agressão</p>

Fonte:- HTP (Buck, 2002, p. 26 até 30).

CONTINUAÇÃO,

Figura 12- continuação ficha de interpretação – H-T-P casa.

CASA	ÁRVORE	PESSOA
<p><input checked="" type="checkbox"/> Detalhes irrelevantes Nuvens, sombras: ansiedade Montanhas: defensividade Degraus e caminhos longos ou estreitos: retraimento Arbustos excessivos: insegurança Outros _____</p> <p><input type="checkbox"/> Detalhes Bizarros <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p><input type="checkbox"/> Dimensão do Detalhe Planta dos andares desenhada: conflito severo, paranóia, organicidade</p> <p><input type="checkbox"/> Sombreamento do Detalhe Excessivo: ansiedade</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Seqüência do Detalhe: normal é telhado, paredes, porta, janela; ou linha de solo, paredes, telhado</p>	<p><input type="checkbox"/> Detalhes irrelevantes Nuvens, sombras: ansiedade Arbustos excessivos: insegurança Outros _____</p> <p><input type="checkbox"/> Detalhes Bizarros <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p><input type="checkbox"/> Dimensão do Detalhe Unidimensional: recursos inferiores para busca de satisfação Bidimensional não fechado: perda de controle</p> <p><input type="checkbox"/> Seqüência do Detalhe: Excessivo: ansiedade</p> <p><input type="checkbox"/> Seqüência do Detalhe: normal é tronco, galho, folhas; ou parte superior, galhos, tronco</p>	<p>Detalhes Não Essenciais (continuação) Cabelo Enfatizado ou omitido: preocupações sexuais Mãos/dedos Luvas: agressividade reprimida Pontagudos: "acting out" Pétalas: imaturidade Pescoço Ênfase: necessidade de controle Muito fino: psicose Omitido: impulsividade Outros _____</p> <p><input type="checkbox"/> Detalhes irrelevantes Bengalas, espadas, armas: agressão, preocupação sexual Outros _____</p> <p><input type="checkbox"/> Detalhes Bizarros <i>Comum em crianças pequenas</i></p> <p><input type="checkbox"/> Dimensão do Detalhe</p> <p><input type="checkbox"/> Sombreamento do Detalhe: Excessivo: ansiedade</p> <p><input type="checkbox"/> Seqüência do Detalhe: (geralmente primeiro cabeça e face)</p>
<p><input checked="" type="checkbox"/> Qualidade da Linha Forte: tensão, ansiedade, energia, organicidade Leve: hesitação, medo, insegurança, força do ego fraca Fragmentação/dificuldade com ângulos: organicidade Outros _____</p>	<p><input type="checkbox"/> Qualidade da Linha Forte: tensão, ansiedade, energia, organicidade Leve: hesitação, medo, insegurança, força do ego fraca Fragmentação/dificuldade com ângulos: organicidade Outros _____</p>	<p><input type="checkbox"/> Qualidade da Linha Forte: tensão, ansiedade, energia, organicidade Leve: hesitação, medo, insegurança, ego traco Fragmentação/dificuldade com ângulos: organicidade Outros _____</p>
<p>Uso Convencional das Cores <i>Preto:</i> contornos, fumaça, cercas; <i>azul, azul-verde:</i> fundo, céu, cortinas; <i>marrom:</i> paredes; <i>verde:</i> telhado, grama; <i>laranja:</i> laranjas; <i>vermelho:</i> cortinas; <i>chaminé, tijolos, maçãs, cerejas;</i> <i>amarelo:</i> sol, flores; <i>amarelo-verde:</i> paisagem, grama</p>	<p>Uso Convencional das Cores <i>Preto:</i> contornos; <i>azul, azul-verde:</i> fundo, céu; <i>marrom:</i> tronco; <i>verde:</i> folhas, grama; <i>laranja:</i> laranjas; <i>vermelho:</i> maçãs, cerejas; <i>amarelo:</i> sol, flores; <i>amarelo-verde:</i> paisagem, grama</p>	<p>Uso Convencional das Cores <i>Preto:</i> contornos, cabelo; <i>azul, azul-verde:</i> fundo, céu, olhos; <i>marrom:</i> cabelo, roupas; <i>verde:</i> suéteres, grama; <i>laranja:</i> suéteres; <i>violeta:</i> cachecol, roupas menores; <i>vermelho:</i> lábios, suéteres, vestidos, cabelo; <i>rosa:</i> pele, roupa; <i>amarelo:</i> sol, cabelo; <i>amarelo-verde:</i> grama</p>

Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 26 até 30).

CONTINUAÇÃO,

Figura 13- continuação ficha de interpretação – H-T-P casa.

CASA	ÁRVORE	PESSOA
Uso Geral das Cores ___ Escolha da cor: distúrbio geral ___ Combinações Bizarras: distúrbio sério ___ Cor usada apenas para contorno: superficialidade, reserva, oposição ___ Branco usado como cor: alienação ___ Diferenças muito grande de tamanho ou qualidade em relação aos desenhos acromáticos: capacidade para permitir afeto ___ Cor fora dos contornos: impulsividade, imaturidade, organicidade ___ Uso extremamente incomum de cores: distúrbios gerais. Relacionar _____ ___ Outros _____	Uso Geral das Cores ___ Escolha da cor: distúrbio geral ___ Combinações Bizarras: distúrbio sério ___ Cor usada apenas para contorno: superficialidade, reserva, oposição ___ Branco usado como cor: alienação ___ Diferenças muito grande de tamanho ou qualidade em relação aos desenhos acromáticos: capacidade para permitir afeto ___ Cor fora dos contornos: impulsividade, imaturidade, organicidade ___ Uso extremamente incomum de cores: distúrbios gerais. Relacionar _____ ___ Outros _____	Uso Geral das Cores ___ Escolha da cor: distúrbio geral ___ Combinações Bizarras: distúrbio sério ___ Cor usada apenas para contorno: superficialidade, reserva, oposição ___ Branco usado como cor: alienação ___ Diferenças muito grande de tamanho ou qualidade em relação aos desenhos acromáticos: capacidade para permitir afeto ___ Cor fora dos contornos: impulsividade, imaturidade, organicidade ___ Uso extremamente incomum de cores: distúrbios gerais. Relacionar _____ ___ Outros _____
Síntese Interpretativa: 		

Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 26 até 30).

Com base na ficha de interpretação apresentada acima pode-se entender que cada um desses elementos projetados no desenho é avaliado de acordo com as características específicas, exemplo: a forma, detalhes, proporção e estilo. Portanto, a avaliação é de maneira sistemática, assinalando as características descritas na ficha. (Buck, 2002).

Após essa avaliação interpretativa se dá sequência a uma ficha de inquérito posterior ao desenho. Exemplo,

Figura 14-inquérito – H-T-P casa.

INQUÉRITO POSTERIOR AO DESENHO

Para encurtar o inquérito dos desenhos coloridos, você deve fazer apenas as questões indicadas por *

CASA

- 1.* Quantos andares tem esta casa? (Esta casa tem um andar superior?) Sótão, andar principal
2. De que esta casa é feita? Madeira – cabana de madeira
- 3.* Esta é a sua própria casa? De quem ela é? Minha casa (no futuro)
4. Em que casa você estava pensando enquanto estava desenhando? Minha avó (?) monte agona
5. Você gostaria que esta casa fosse sua? Por que? Sim, tranquilidade - privacidade
- 6.* Se esta casa fosse sua e você pudesse fazer nela o que quisesse, qual quarto você escolheria para você? Por que? Sótão – vista bonita – poderia ficar sozinho
- 7.* Quem você gostaria que morasse nesta casa com você? Por que? Ninguém – não é grande o bastante
8. Quando você olha para esta casa, ela parece estar perto ou longe? Longe
9. Quando você olha para esta casa, você tem a impressão de que ela está acima, abaixo ou no mesmo nível do que você? No mesmo nível
10. Em que esta casa faz você pensar ou lembrar? Floresta.
11. Em que mais? Tinha férias.
12. É um tipo de casa feliz, amigável? Não – apenas quieta.
13. O que nela lhe dá essa impressão? Sem muito barulho (?) na floresta.
14. A maioria das casas são assim? Por que você acha isso? Não – a maioria tem muitas pessoas; muita discussão; todos muito juntos.
- 15.* Como está o tempo neste desenho? (Período do dia e do ano; céu; temperatura) Frio – primavera – depois da chuva.
16. De que tipo de tempo você gosta? Frio – outono – fresco
17. De quem esta casa o faz lembrar? Por que? Meu pai (?) gostaria de um lugar como esse (?)
Coisas que ela falava (?) quando costumava conversar.
- 18.* Do que esta casa mais precisa? Por que? Cão de guarda (?) lá na floresta,
tudo pode acontecer (?) ladrões, vândalos, pessoas descuidadas (?) estupradores.
- 19.* Se "isto" fosse uma pessoa ao invés de (qualquer objeto desenhado separado da casa), quem seria? Árvore – avó (?) cabelo cinza, faz sombra; Avustos – amigos (?) da escola m. b. Laura, Oskare
20. A que parte da casa esta chaminé está ligada? Meu quarto – sempre tem fogo na lareira.
21. Inquérito da planta dos andares. (Desenhe uma planta dos andares com os nomes, ex., Que cômodo é representado por cada janela? Quem geralmente está lá?)

As representações por estas janelas: sala de estar, cozinha, escritório, escadas, mudadas de para

(?) trabalho) fabricação de jóias

sala de estar

cozinha

escritório

escritório

escadas

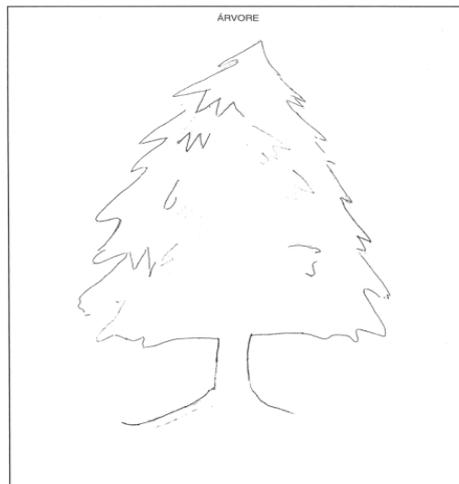
mudadas de para

Sótão é meu quarto. As janelas são apenas claraboias para a luz.

Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 31).

Árvore¹⁵ possui menos relações “conscientes e mais associações subconscientes e inconscientes do que os outros dois desenhos” (Buck, 2002, p. 49) trazendo informações para “refletir uma capacidade do indivíduo para avaliar criticamente suas relações com o ambiente [...], contato com a realidade, sentimento de equilíbrio interpessoal e (quando a árvore representa uma outra pessoa) pressões interpessoais” (Buck, 2002, p. 49-50). Exemplo de desenho figura da árvore,

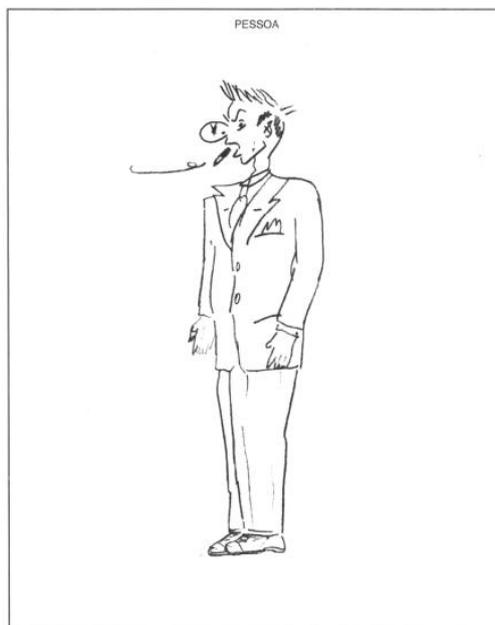
¹⁵ Tree;

Figura 15- HTP árvore

Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 81)

E por fim, o desenho da Pessoa¹⁶ possui mais estímulos conscientes do que os demais desenhos, ajuda a entender a percepção do sujeito sobre suas próprias emoções, convívios sociais e autoimagem, sendo assim, traz à tona também “atitude sexuais em relação a um relacionamento interpessoal específico ou a relacionamentos interpessoais em geral” (Buck, 2002, p. 57).

Exemplo de desenho figura da pessoa,

Figura 16- H-T-P pessoa.

Fonte: H-T-P (Buck, 2002, p. 94)

¹⁶ Person.

Trataremos no item 2.3 do Teste dos Seis Desenhos (T6D) desenvolvido por Antonio Meneghetti e descrito em (Meneghetti, 2021).

2.3 O TESTE DOS SEIS DESENHOS NA ONTOPSICOLOGIA (T6D)

Com base nas temáticas estudadas acima, que trazem destaque a originalidade dos testes projetivos na psicologia, compreende-se que Meneghetti (2021) reconhece a importância destes testes projetivos¹⁷ na sua base teórica, portanto, apropriou-se deste conhecimento de base anterior dos testes projetivos da Psicologia para desenvolver seus estudos e compreensão na elaboração do T6D, utilizado pela escola Ontopsicológica, que traz aspectos profundos da psique humana.

O teste dos seis desenhos na Ontopsicologia foi desenvolvido por Antonio Meneghetti durante a década em que se dedicou à atividade clínica, período entre (1970-1980). Em seu relato, Meneghetti (2020), descreve que entre as diferentes coisas que fazia na atividade clínica, tinha o hábito de fazer aquarelas com os clientes e deste processo resultou o Teste dos Seis Desenhos (T6D).

O processo de criação deste teste projetivo, aconteceu segundo Meneghetti (2020), quando os clientes que alegavam não saber desenhar, pegavam uma folha, banhavam na água e quando a água fosse absorvida pela folha, era para pegar qualquer cor disponível e passar sobre a folha utilizando pincel, uma cor de cada vez, e o cliente que escolhia quantas pinturas queria fazer e deveria na próxima entrevista trazer para que fossem vistas. Meneghetti (2020) descreveu que os clientes que eram incapazes desenhavam uma árvore, uma pessoa (homem ou mulher) de modo simples e fazer algum traço que diferencia e mostra se é homem ou mulher.

E nestes desenhos era possível observar que “havia projeções que escreviam a fisionômica psicológica daquele sujeito: via-se a doença” (Meneghetti, 2020, p. 99) o cliente não compreendia, precisava desenhar de modo espontâneo, pois o sonho é espontâneo e deste modo, “vinham elementos que fotografaram todo o seu interior” e ainda, “descobri que desenhavam e coloriam fotografando o seu bem estar ou mal estar” (Meneghetti, 2020, p. 99). Foi um teste desenvolvido na prática clínica, no trabalho do dia a dia realizado por Meneghetti durante anos.

¹⁷ O elenco dos testes projetivos mencionados por Meneghetti encontra-se em nota de rodapé no livro: Imagem e inconsciente (2021) página 319.

Depois do desenvolvimento prático do T6D, este teste projetivo se tornou um instrumento psicodiagnóstico usado no método Ontopsicológico (Meneghetti, 2010). Este teste é “uma técnica projetiva não estruturada: é dado somente o argumento dos seis desenhos, que o cliente pode realizar livremente seguindo a própria fantasia (...) é baseado na capacidade de exposição ou expressão em linguagem ingênua” (Meneghetti, 2010, p. 305).

Agora explica-se como o teste é realizado. Segundo Meneghetti (2010) para realizar o teste é necessário 6 folhas brancas e lápis, não é necessário utilizar cor, sendo recomendado uma cor para seguir uma gráfica, os desenhos precisam ser feitos de uma única vez e mostrados juntos. E na folha não precisa ter instruções impressas, pois isto interfere na criação espontânea do cliente.

Conforme Meneghetti (2010) o tema para realizar os desenhos apresentam a seguinte ordem: uma árvore, homem ou mulher (a pessoa desenha de acordo com o próprio gênero), na folha seguinte o oposto do seu gênero, a família de origem, a própria situação atual, o escopo ou perspectiva futura.¹⁸ É preciso respeitar esta ordem, pois auxilia o cliente a ter uma “introspecção formalizada; é como se o sujeito devesse fazer um tema para dar a sua identidade” (Meneghetti, 2010, p. 307). Recomenda-se não utilizar borracha, a fim de ficar com os primeiros desenhos realizados, “o desenho deve ser feito com ímpeto, o traço deve ser decidido, (...) deve ser realizado com decisão emotiva, deve seguir o impulso espontâneo contínuo de si mesmo” (Meneghetti, 2010, p. 307).

Logo, este teste possui 3 fases distintas: “a) as indicações do psicoterapeuta ao cliente para a execução dos desenhos; b) a execução dos desenhos por parte do cliente; c) a interpretação dos desenhos por parte do psicoterapeuta” (Meneghetti, 2010, p. 306). Como é um teste produzido pelo próprio sujeito, é possível evidenciar o prospecto geral do ser humano no sentido psicodinâmico, e indica a grafologia psíquica (Meneghetti, 2010).

É um instrumento para diagnóstico inicial, pode ser aplicado uma vez durante o processo psicoterapêutico, e auxilia a verificar as mudanças na personalidade do cliente por meio da psicoterapia. Quando se aplica o teste, é necessário já ter realizado a anamnese do sujeito por meio de consultorias clínicas, pois será de fácil compreensão observar a gráfica espontânea (Meneghetti, 2010).

¹⁸ Para visualização das figuras e exemplo de casuística do T6D, recomenda-se validar no livro: Imagem e inconsciente (2021, p. 336 até 341).

Segundo Meneghetti (2021), o teste pode ser aplicado a qualquer pessoa a partir dos 3 anos de idade, subentendendo-se que a pessoa realiza a psicoterapia ontopsicológica. Este teste “não implica preparação específica sobre testes por parte do aplicador e do avaliador, mas sim uma preparação fundamental em psicoterapia e análise dos sonhos com orientação ontopsicológica” e ainda “quem evidencia exato conhecimento do significante” (Meneghetti, 2021, pp. 320-321).

Meneghetti (2021) compreende que significante é o ser humano que a partir da cultura, dos estereótipos, modos de pensar e da ciência gere a si mesmo, pois significante é quem faz o sinal, e por meio destes sinais registrados revela a posição do sujeito naquele momento da vida. Nestes signos “não é possível alcançar o Em Si ôntico¹⁹ do sujeito, porque a integridade total do Em Si ôntico é sem signo” (Meneghetti, 2021, p. 322).

A leitura do T6D se complementa com a leitura do sonho²⁰, da imagogia²¹ e da anamnese e a partir dela pode-se “evidenciar a direção que o inconsciente deseja” (Meneghetti, 2010, p. 306). O teste pode ser aplicado só uma vez, não se aconselha fazer toda semana, pois “não resolve, mas se determina ou se reforça neurose ou projeção esquizofrênica, então não é confiável no plano da análise científica” (Meneghetti, 2010, p. 306).

O T6D é um auxílio para se “compreender a postura existencial de fundo do sujeito”, (Meneghetti, 2010, p. 306) e ainda, pode-se verificar se o sujeito apresenta alguma doença. O importante é saber se o cliente possui uma estrutura positiva, logo, se é introvertido ou extrovertido, generoso ou ciumento não é importante, pois a sua atitude a ser é o que lhe consente a construir qualquer coisa, e caso possua algo patológico, também se identifica e colhe-se a causa. (Meneghetti, 2010).

Agora para realizar a interpretação dos espontaneístas gráficos centrados nos seis conjuntos simbólicos expressos nos seis desenhos, o princípio-base da interpretação do T6D é “verificar se, quanto e como a identidade intencional do sujeito (ou seja, a

¹⁹ “O Em si ôntico é o projeto-base originário da natureza, é um princípio formalizante de uma ação em virtualidade complexa. É uma unidade funcional que se fenomeniza criatividade histórica na existência antropológica” (Meneghetti, 2010, p 159).

²⁰ Do lat. *se omnium*,= “o indivíduo em relação ao todo, a todos, de todos [...] no sonho, é possível reencontrar a comunicação do Em si ôntico daquele sujeito” (Meneghetti, 2010, p. 250) O sonho tem a seguinte hierarquia : 1) situação orgânica do sonhador, 2) situações de si mesmo e referências afetivas, 3) pessoas de trabalho e estudos e 4) análise das esferas sociais , negócios, política etc. (Meneghetti, 2010).

²¹ Lat. *in me ago*= “ajo em mim [...] escolher a imagem que me faz ação” (Meneghetti, 2010, p. 132).

dinâmica proporcional do projetado) é ou não é funcional e útil no contexto, segundo os normais e comuns paradigmas do real biossocial (para o sujeito)” (Meneghetti, 2010, p. 307). A avaliação pode ser dividida em dois momentos, os quais: “1- interpretação relativa à gráfica e 2- interpretação relativa ao simbolismo” (Meneghetti, 2010, p. 307). Cada desenho²² selecionado para compor o T6D, cumpre com uma representação, ou seja, representa algo da vida do cliente. Para tanto, apresenta-se de modo breve o que cada desenho pode revelar.

O desenho da árvore “representa a situação psicobiológica individual; [...] dá a situação holística do indivíduo no contexto ambiental [...] pode-se ver o nível da estabilidade psicológica e sociológica do sujeito” (Meneghetti, 2010, p. 308). E ainda, existem diversos “modos de desenhar uma planta e cada um caracteriza um estilo de vida” (Meneghetti, 2021, p. 308). Para analisar o desenho, é importante observar como a árvore ocupa o espaço no papel e demais detalhes como a copa, tronco, presença de flores, frutos, galhos, buraco, nó, precisam ser avaliados no conjunto do desenho²³

O desenho do personagem do mesmo sexo indica como o cliente vê a si mesmo, e o desenho do personagem do sexo oposto “evidencia o modo em que o cliente vê o indivíduo do outro sexo e como se relaciona com ele” (Meneghetti, 2010, p. 308). É importante observar “como o cliente desenhou a figura do sexo oposto e confrontá-la com o desenho do seu sexo, pois a proeminência gráfica corresponde a uma proeminência psicológica da sua vida” (Meneghetti, 2021, p. 333), e todos os detalhes contam, pessoa de corpo inteiro ou meio busto, qual a posição, se há particulares que se sobressaem no desenho, objetos de adorno, a expressão dos olhos, se falta alguma parte do corpo, tudo comunica e tem significado²⁴.

No desenho da família se “identifica a dinâmica atual do grupo familiar, portanto, as interações prevalentes, a figura predominante, a figura passiva etc., e, em tudo isso, a posição do cliente” (Meneghetti, 2010, p. 308). E ainda, segundo Meneghetti (2021) a pessoa costuma ter entre duas a três relações com os familiares que possui, mesmo tendo uma família numerosa ou não, geralmente as relações que

²² Para elucidações mais completas sobre os significados dos elementos desenhados aconselha-se a leitura do *Prontuário onírico* (2021) e leitura da obra: *Imagem e inconsciente* (2021) de Antonio Meneghetti.

²³ Para compreender com mais profundidade as indicações de como ler a árvore recomenda-se a leitura das páginas 331-333 do livro: MENEGHETTI, A. *Imagem e inconsciente*. Restinga Seca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

²⁴ Para aprofundamentos consultar a obra: MENEGHETTI, A. *Imagem e inconsciente*. Restinga Seca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2021.

estabelece, é de amor, ódio e um meio a meio, não precisa mais que isto, pois é econômico.

O desenho da situação atual

reflete o estado, predominantemente positivo ou negativo, que o sujeito vive no momento atual. Em conjunto com o desenho da árvore, esse desenho é muito importante para a diagnose inicial. (...) A estratégia do inconsciente, de fato, dá a topografia da situação e assinala o erro ou o sucesso segundo uma hierarquia que parte do indivíduo: em primeiro lugar põe a integridade físico-biológica, depois a esfera afetiva, enfim a esfera social e dos negócios (...), portanto, o sujeito assinala o problema urgente a ser abordado em psicoterapia. De fato, nesse desenho o cliente propõe a situação mais importante, de maior ação, caso contrário, não a reproduziria (Meneghetti, 2010, p. 308).

Segundo Meneghetti (2021) é importante observar os desenhos da situação atual e o da situação futura, pois se ambos expõem a mesma dinâmica, significa que naquele momento não há a intenção de mudar, de realizar ações para seu crescimento e será preciso uma decisão pessoal.

Por fim, no sexto desenho que é o da situação futura, “o cliente representa ambições, ideais ou situação próxima à qual o sujeito aspira” (Meneghetti, 2010, p. 308), e ainda, revela a direção da “ambição existencial do cliente, indica as suas referências de valor (...) dá indicações sobre onde ele está se orientando energeticamente e o caminho que consente a atuação do seu potencial” (Meneghetti, 2010, p. 308). E pode “indicar a linha de criatividade específica do cliente” (Meneghetti, 2010, p. 336).

No T6D, segundo Meneghetti (2010) é possível identificar se o cliente tem aptidão e temperamento artístico, e neste caso é importante que se incentive o cliente a cultivar este dote, pois é uma sensibilidade artística, não é visto pelo rendimento, mas pela estética.

Nem sempre o T6D revela a patologia do cliente, mas revela também “se o desenho exprime vivacidade, interesse, satisfação, significa que o sujeito está coordenando a sua vida à autorrealização” (Meneghetti, 2010, p. 309). E ainda, tem utilidade prática pois revela:

1- Revelar a doença no cliente; 2- compreender a sua posição complexual patológica ou infantilista e 3- evidenciar se o paciente está sob aprisionamento semântico, quase sempre negativo, e não se dá conta (...) é possível identificar a posição dinâmica, a causalidade interior do sujeito (Meneghetti, 2021, p. 322).

Segundo Meneghetti (2021) A gráfica encontrada no T6D é diferente do que se denomina “psicosemântica²⁵”, se encontra a gráfica psicosemática, “semática” indica uma gráfica já definida, pois o termo "semântico ", "com a partícula “an” indica o vivente da ação, a atividade. “Já a semântica, é o campo semântico que está agindo, enquanto o desenho psicosemático é o produto da semântica que já passou” (Meneghetti, 2021, p. 322).

O psicoterapeuta a partir da leitura gráfica do T6D, não faz psicoterapia, mas fala somente sobre a realidade atual do cliente, e “durante o *training*, usa esse conhecimento como evento pedagógico momentâneo ao Eu-lógico-histórico desviado do cliente”, (Meneghetti, 2021, p. 322) é um trabalho lento, pois não se antecipa informações sem o cliente estar preparado e é necessário uma sequência de conhecimento clínico para se evidenciar até que ponto pode tratar as diretivas ao cliente.

O diferencial deste teste projetivo diante dos outros já desenvolvidos, é o “critério de interpretação. A decodificação desse teste não é baseada em códigos culturais, mas no critério biológico: o critério é extraído da ordem organísmica, que é o Em Si ôntico. O sinal é positivo se confirma e aumenta a identidade e a funcionalidade do holístico-dinâmico do indivíduo” (Meneghetti, 2021, p. 323).

Há algumas variáveis que podem influenciar nos desenhos obtidos, a linguagem do desenho é universal, logo não importa a cultura (africana, brasileira, inglesa, japonesa, etc.), pois os desenhos superam o contexto cultural, pois são baseados “na estrutura cardinal do Em Si ôntico e nas primeiras produções complexuais do sujeito (a matriz reflexa, a díade, o monitor de deflexão, a sua posição sociométrica” (Meneghetti, 2021, p. 338), a dinâmica psíquica que é ilustrada pelo desenho, estão em antecipação a qualquer contexto cultural, portanto, aspectos como a cultura, a raça e a religião podem aparecer nos elementos desenhados e na grafia do desenho, mas não incide na identidade dinâmica expressada (Meneghetti, 2021).

O fator socioeconômico não interfere nos desenhos. Já o aspecto da diferença sexual, incide nos conteúdos que são expressados, logo, Meneghetti (2021) ressalta que há o incidente da identidade sexual psicológica, em que a mulher internamente tem psicologia masculina e os homens internamente tem psicologia feminina²⁶. Os níveis de escolaridade da pessoa também não incidem sobre os desenhos, pois o que é expresso é

²⁵ Para aprofundamentos sobre o desenho psicosemântico consultar: Meneghetti, A Imagem e inconsciente, 2021, p. 343.

²⁶ Para aprofundamentos sobre a questão consulte: Meneghetti, A. O projeto homem; Manual de Ontopsicologia e Residence Ontopsicológico.

a “evolução psicossocial e a maturidade existencial progressiva do sujeito” (Meneghetti, 2021, p. 339), ressaltando deste modo que o T6D não mede a capacidade ou o desenvolvimento mental em modo intelectual, mas revela a situação psicodinâmica do sujeito.

Meneghetti (2021), descreve que na medida em que o indivíduo melhora psicologicamente produz desenhos estéticos e coerentes com o seu real, ao contrário do indivíduo que regride psicologicamente, produzindo sinais de regressividade e desenhos desproporcionais.

É fundamental a primeira percepção²⁷ organísmica²⁸ que o terapeuta recebe dos desenhos, esta questão será aprofundada no próximo tópico deste estudo.

2.4. O CONTRIBUTO DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA NA LEITURA DOS TESTES PROJETIVOS - T6D

A Ciência Ontopsicológica, fundada por Antonio Meneghetti, indaga uma abordagem única para a compreensão do ser humano, onde tem como objeto a atividade psíquica, que “estuda a experiência psicológica humana, individua as causas que as constituem e os elementos que podem resolvê-la” (Meneghetti, 2010, p.131).

Por atividade psíquica, entende-se como o primeiro “existir” do homem, que depois se formaliza por meio dos fenômenos, que faz pensar, existe, age e que deseja. A psique, é o formal onde se faz projeção e atuação das imagens, podemos compreender como uma potência formalizante, portanto por meio destas imagens ocorrem as variáveis energéticas (Meneghetti, 2010).

No próximo tópico será abordado pontos importantes e aprofundados sobre esta temática.

2.4.1. O MÉTODO ONTOPSICOLÓGICO: ESCLARECIMENTOS FUNDAMENTAIS

²⁷ “Atitude para receber e reconhecer a informação concretamente ou em símbolo” (Meneghetti, 2010, p.210).

²⁸ Trata-se de compreender o corpo e mente, “conjunto de funções materiais e psíquicas para uma unidade de ação” (Meneghetti, 2010, p 198).

Durante seus estudos clínicos o professor Antonio Meneghetti fez três descobertas, Em Si ôntico, monitor de deflexão²⁹ e campo semântico³⁰ que juntos trazem o diferencial da ciência ontopsicológica, denominado como método.

Quando se forma uma nova ciência se deve partir do critério estabelecido por meio dela, que dá a passagem da sua originalidade. Para fundamentar a Ontopsicologia, foi necessário partir de um critério de demonstração real, o Em si ôntico “é o fundamento ou critério de toda a Ontopsicologia” (Meneghetti, 2010, p.145).

Meneghetti (2010) descreve dois critérios, o primeiro é o critério convencional “aquele usado em todas as ciências chamadas exatas (estatística, matemática, física, medicina, química etc.)” (Meneghetti, 2010, p. 146), que uma vez, depois de estabelecido, é seguido pelas demais convenções, porém esse critério possui limitações, pois parte de um critério pré-escolhido.

O segundo, é o critério de natureza, “é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza, e concretiza o objeto ou o campo pré-escolhido. É a intencionalidade de natureza quando e como se evidencia” (Meneghetti, 2010, p. 147). Sendo assim, é uma verdade que nasce e permite evidências por meio das experiências, por “natureza” entende-se como algo posto pela vida.

A Ontopsicologia aceita somente o critério de natureza, descartando o critério convencional, sendo assim, quando nos colocamos como pesquisadores, se parte do pressuposto daquilo que faz parte do Em si, que está dentro e reverbera a verdade. E o primeiro real, é o Em si ôntico de cada indivíduo na medida que se faz na existência, “Do meu ser eu sou verdadeiro, e do meu verdadeiro eu sou. Eu existo, portanto, sou e sei [...] no real certifico-me e por meio dele estrutura lógica” (Meneghetti, 2010, p. 149).

Hall (2022) ressalta que partindo desse conhecimento o “critério que regulava a saúde do homem era aquele mesmo que organizava a natureza, as plantas, os animais, sendo assim um critério universal, porém, separado em constantes, como a do homem que seria a Constante H” (Hall, 2022, p. 36).

²⁹ “O monitor de deflexão (ou grelha de deformação) é um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem. Em vez de repetir a imagem referente ao objeto, altera qualquer sinal que reflete o real segundo um programa prefixado. Em vez de projetar especularmente (refletir), desvia segundo uma temática imposta no receptor (deflete)” (Meneghetti, 2010, p. 172).

³⁰ “O campo semântico é um transdutor informático sem deslocamento de energia: transmite uma informação, uma imagem, um código que, estrutura em emoção qualquer coisa vivente, ou organizada em vida, comportando uma variante psicoemotiva orgânica” (Meneghetti, 2010, p. 183).

Meneghetti (2010), nomeia 15 características possíveis de identificar as manifestações do Em Si ôntico,

1) Inseico: é uno, indiviso e sempre idêntico, como quer que se adapte ou opere. 2) Holístico-dinâmico: age todo junto com expansão centrípeta e é sem partes. 3) Utilitarista-funcional: o seu critério ou ética é a evolução da própria identidade com preciso utilitarismo funcional. 4) Virtual: toda sua atividade ou crescimento é sempre inerente a um projeto formal que se explicita em polivalentes efeitos dependentes de uma idêntica forma, a qual, antes de se efetuar, permanece somente possível. Um projeto que tem a capacidade formal, caso se atue. A sua essência-base é a constante H. 5) Econômico-hierárquico: intenciona com exata proporção qualquer impacto e interação, assimilando o devir segundo a prioridade das próprias exigências (a vida, a identidade, a subsistência, os meios mais gerais, depois os específicos etc.). 6) Vencedor: não impacta um novo real ou gestalt se já não lhe é próprio. 7) Alegre: age por exercício de inteligência e se move caso seja garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação. 8) Criativo: Completada uma gestalt é sempre motivado a uma sucessiva, proporcionada, mas superior à precedente. Por isso, age contínua autóctise. 9) Espiritual ou transcendente: evade das categorias de tempo e espaço. 10) Agente no interior de um universo semântico: é coparticipe da ordem da natureza cósmica. Age a própria virtualidade individual no iso de natureza. 11) Mediânico entre o ser e a existência histórica". 12) Histórico: estrutura psicossomaticamente a própria virtualidade no devir existencial. Nisso revela capacidade de instrumentalizar as categorias do tempo e do espaço e, portanto, todos os aspectos químico-físicos da energia. 13) Estético: a técnica específica de cada ação sua é para o prazer e perfeição. O prazer é atração constante. No devir histórico, as suas partes correlacionam-se para revelar uma proporção, além de funcional, sobretudo metafísica. Em cada passagem apela ao seu princípio natural: o Ser. 14) Volitivo-intencional: a sua unidade de ação é tensão à própria realização histórica. 15) Santo: é sempre com e em direção ao Ser. É volição de identidade no mais ser. (Meneghetti, 2010, p. 160-161)

Portanto, as 15 características ajudam a compreender as manifestações dos fenômenos da psique humana.

O Monitor de deflexão, evidenciado pela escola Ontopsicológica se trata de um mecanismo capaz de distorcer e alterar a realidade, sendo assim, um causador de psicopatologia, é um estabilizador obsessivo que age no íntimo do indivíduo (Meneghetti, 2010), é inserido de duas formas:

1) diretamente sobre o sujeito, através de estados oníricos, situações de transe, na ocasião de utilização de psicofármacos alucinógenos ou drogas, visões hipnóticas, oblações místicas, estados rituais com forte perda de orientação racional. No momento da inserção o sujeito sofre um indeterminado fora de si; 2) Indiretamente, o monitor se insere por transdução de campo semântico nas primeiras e fundamentais relações afetivas: pais, professor, parceiro etc. Esses atores-monitor fazem transfert do mecanismo em um sujeito afetivamente dependente, não por vontade consciente, mas por simples transfert compensativo - mas ocupacional - do outro. (Meneghetti, 2010, p.173).

Para agir ele usa de memórias, estereótipos culturais e sociais, que depois age por repetição, o monitor de deflexão possui 3 bases de efeitos: a) subtração da

consciência, fazendo com que o real se tornar inconsciente, b) comportamentos fideístas e categóricos, sofrendo a subtração do real, c) por meio do medo e angústia (Meneghetti, 2010). Sendo assim, não é possível a remoção do monitor de deflexão, apenas o isolar, quanto mais gerar resistência contra ele, mais se reforça. O monitor de deflexão faz “parte dos nossos reflexos neurônicos, exatamente como o pensamento não pode ser operativo sem as palavras: a linguagem e a cultura são estruturas manipuladas pelo monitor de deflexão” (Meneghetti, 2010, p. 174).

A próxima descoberta é o campo semântico um “transdutor informático sem deslocamento de energia” (Meneghetti, 2010, p.183), que transmite uma informação junto a uma imagem projetada que quando chega gera um impacto, estruturando uma emoção, ou seja, uma variante psicoemotiva.

O autor descreve que a passagem da transdução informática, refere-se a forma que dá a passagem de energia. O campo semântico envolve entender todo o universo de energia informacional das imagens e “compreender a imagem é uma tarefa bem precisa, de competência de mentes preparadas, não é para todos [...] A imagem é o símbolo que a energia usa no interior de si mesma para fazer diversos deslocamentos” (Meneghetti, 2010, p.184).

Destacamos que o profissional ao fazer uso do T6D leva em consideração o método Ontopsicológico, ou seja, ter sempre presente o método bilógico. E, segundo o autor, “Para saber interpretar o teste e ler o real projetado nos desenhos, o operador precisa ser sadio [...] ter uma consciência capaz de construir com o próprio organizmismo”, (Meneghetti, 2021, p. 323) esse método ocorre por meio da indução bilógica, ou seja, de modo indutivo-dedutivo, “a indução é a pesquisa dos elementos para se chegar à exatidão. A dedução e a partida dos elementos já demonstrados” (Meneghetti, 2010, p.133).

Com isso, o autor verifica três princípios universais para o critério de verificação em relação a um sinal ao real do humano, 1) *Natureza causal do símbolo* são os comportamentos de uma causalidade indicada, “não conta o símbolo, mas o que produz” (Meneghetti, 2021, p. 55), se avaliar o que aquele símbolo significa no âmbito natural, o que ela gera? Qual o efeito? o que representa? 2) *Efetividade funcional para o sujeito*
³¹ “o valor do símbolo não é dado por alguma característica inerente à coisa representada, mas pela utilidade real conhecida pelo ser humano neste planeta”

³¹ Sugestão de leitura no livro *Imagem e Inconsciente*, onde Meneghetti destaca alguns símbolos e suas funcionalidades trazendo exemplos (2021 p. 55-57) e leitura *Casuística Onírica* (2021, p.61-66).

(Meneghetti, 2021, p. 55), com isso o autor destaca que o indivíduo conhece o símbolo com base a aquilo vivido na sua experiência de vida, e cada símbolo colhe a *lógica da eficiência funcional para o sujeito*, aquilo que se é no aqui e agora.

O homem é a medida de todas as coisas. Cada coisa deve ser escolhida, não segundo seu valor em si, porque nesse sentido tudo é bom ou neutro, mas somente segundo a utilidade relativa a quem sonha. A presença ou ausência da função biológica e utilitarista relativa ao sujeito faz o objeto positivo ou negativo [...] A primeira revolução que a Ontopsicologia traz na interpretação dos sonhos é o fato de se basear no significado biológico e efetivo da funcionalidade do sonhador, não no significado dos mitos, das culturas ou dos estereótipos, que não são compartilhados pela ação da natureza. Por exemplo, uma senhora sonha que está numa igreja onde existem luzes de vela; é uma igreja bonita e limpa, não existem janelas. O sonho significa que a mulher está em perigo, porque na igreja o corpo não come, não vive. O critério-base é sempre o utilitarismo biológico e funcional à identidade do sonhador. (Meneghetti, 2021, p. 55)

Meneghetti descreve que os efeitos obtidos pelo sujeito podem validar ou invalidar os símbolos, necessário observar cada efeito que produz ao indivíduo, os próximos princípios 3) *Critério semântico*, abaixo descrição citada pelo autor,

a) Quando a imagem é conexa com o impacto e interação emotiva. b) Quando a notícia ou o verbalizado no sonho age campo semântico (no sonhador e no ouvinte). Com o critério semântico responde-se à pergunta: em que direção vai e a quem o símbolo diz respeito? Onde estão os ratos do sonho, na minha direção ou na direção do outro? Quem está com a boneca no colo, eu ou a minha avó? Onde se vê o símbolo, aquela é a direção da ação. Não é suficiente ver a causa em si, o aspecto funcional, mas é necessário ver também a direção ou destinatário. A direção identifica o quântico de investimento do sonhador na situação dramatizada pelo sonho. Significa isto: uma cliente conta um sonho, por exemplo: "estou no mar, vejo alguém que vende sorvetes e compro um". Enquanto ela conta, eu - que estou aberto à leitura semântica - sinto o sinal no pênis, o que significa que a cliente está contando o seu sonho com ingenuidade, porém, enquanto ela o descreve sinto uma tumescência no meu pênis. Se, ao invés disso, diz respeito à outra pessoa - permanecendo na hipótese de que se trate de sexo - então advirto a tumescência somente da mulher, que é voltada a outro. Verifica-se o campo semântico na presença daquele que expõe o sonho. Isto comporta também a

direção de agressividade, indica "na direção de quem é", ou seja, diz se sou eu que estou lendo a carta ou se é outra pessoa, uma vez que o sonho porta a destinação. Quando, por exemplo, um cliente conta um sonho falso, não existe nenhuma semântica: é alguém que conversa fora do próprio real. Ao invés disso, quando o sonho é real, colhe-se a motivação ativa e centra-se inclusive a referência de modo concreto. O símbolo onírico, quando é real, conjuga-se com a informação biológica do sujeito e dá a informação: na direção de quem é. Aqui está a grande confusão que homens e mulheres fazem, que podem sentir a pulsão sexual que é positiva, mas erram a referência: "sinto esta pulsão, então faço sexo com o meu marido/minha mulher..". Ou então uma mãe em relação ao filho, ou uma mãe com a sua irmã ou com outra mulher, por exemplo, que diz odiar porque "faz aquele olhar" para o próprio marido ou filho, e vê-se, ao invés, uma ligação sexual entre as duas. O sonho psicoplástica a matéria da referência semântica. É óbvio que para exercitar esse método é preciso ter feito metanoia, isto é, substancialmente é preciso tolher os estereótipos e os complexos sobre os quais a consciência do Eu se apoia, mas que não espelham uma reversibilidade. Metanoia significa alcançar uma situação de consciência que reflete a realidade orgânica, biológica, física, psíquica do sujeito. Não significa entrar na transcendentalidade, na grandeza do ser: é a base completa, sadia de natureza. Porque o modo natural, de consciência, que cada um teve até hoje é errado, então deve-se mudar o modo de pensar, levando-o de volta ao reflexo da própria realidade. O sonho tornou-se críptico para todos, e isso demonstra que a consciência dos seres humanos é desviada do real informático da natureza orgânico-biológica do indivíduo. É preciso também sempre recordar que a maioria das vezes os sonhos são interpretados, na melhor das hipóteses, com a convicção dos estereótipos, ou pior ainda quando é com a convicção dos complexos. Estereótipo é um hábito de comportamento mais ou menos neutro. Pode parecer funcional, mesmo que não seja completamente exato, e não chega a resultados patológicos. Pode ser simplesmente um resultado de alienação das profundezas do original da vida. Ao invés disso, quando falo de "complexo", existe um comportamento, consciente ou inconsciente, do sujeito que sempre e de qualquer modo produz doença. Além disso, com base no critério semântico, tem-se condições de distinguir o sonho verdadeiro do sonho falso, isto é, ele pode discriminar entre o sonho inventado, sem dinâmicas inconscientes, o sonho construído pelo monitor de deflexão e o sonho que implica significâncias reais. Se o sonho ou a associação não fazem campo semântico, significa que aquele problema já passou ou é falso. O suporte semântico e o totalizante da palavra. Ausência semântica na imagogia significa que tudo é falso ou, no máximo,

um racional exato sem investimento por parte do Em Si organísmico. Por falso entende-se um símbolo sem investimento de emoção organísmica. A Escola Ontopsicológica identificou a estrutura do monitor de deflexão no interior das operações psicoemocionais do indivíduo humano. Ele é capaz de operar de modo autônomo no interior do indivíduo, expondo-se como fato de reflexão do real. Possui uma autonomia própria para gerir as informações, e o indivíduo não é capaz de discriminar entre as informações do real e as do monitor de deflexão. As aferências organísmicas - isto é, as sínteses de informações do nosso corpo, o feixe das percepções colhidas do ambiente e do organísmico - sofrem o filtro da grelha do monitor de deflexão, por isso no espelho de reflexão da consciência chegam informações elaboradas por esse sistema. O mecanismo grelhar pode tanto ativar-se enquanto estimulado pelas percepções reais, quanto enviar informações de modo autônomo, sem fundamento de realidade na pessoa. Normalmente, em todos os seres humanos, pode-se ativar de modo autônomo e registrar precisos pensamentos, raciocínios, ordens mentais, a tal ponto que o sujeito acredita naquilo como única verdade. Isso é frequente na vida cotidiana de todas as pessoas e de modo excepcional em todos os esquizofrênicos. Com o critério semântico posso individuar o energético emocional da imagem: isto é, entender se o sonho causa alteração biológica (portanto, é verdadeiro), ou se é somente ficção não real para mim. O importante, antes de enfrentar a análise onírica, é determinar se o sonho é a projeção natural do orgânico individual ou se é uma informação gratuita, sem realidade, advinda desse mecanismo de deflexão. O sonho formalizado pelo monitor de deflexão não tem campo semântico, não é inferente emotivo. O monitor de deflexão acultura-se e reforça-se com base nos conhecimentos racionais do sujeito. Pode usar qualquer imagem: assim como usou a da nossa mãe, do nosso pai ou dos santos, pode usar também a do próprio psicoterapeuta ou de outra pessoa considerada importante pelo sonhador. Usa qualquer imagem para obter a fé do sujeito e, depois, arruiná-lo. Esse é o motivo pelo qual é necessário verificar sempre ao longo do processo e em base aos frutos. É necessário distinguir quando o sujeito tem obsessões, fantasias e quando tem sonhos que são exclusivamente do monitor de deflexão, os quais têm absoluta ausência de realidade organísmica. Todavia, se o sujeito está mal ou está errando gravemente, não podem existir sonhos falsos no sujeito em análise. O motivo técnico é que, quando o sujeito está mal, o monitor de deflexão já está sincronizado com o organísmico e, por isso, desfruta de energia real. Uma vez que o monitor de deflexão fez o contato, praticamente invade e permanece simbiotizado de modo neurônico. O sonho falso pode ocorrer somente no sujeito sadio. Nesse caso, o monitor de deflexão age ao vazio

através dos estereótipos, procurando agarrar o sujeito e determiná-lo no seu mecanismo. Existem dois caminhos para distinguir o sonho falso do real: a) a análise racional onicompreensiva do sujeito (mas para fazer essa análise são necessários mais de cinco-oito meses); b) o campo semântico. Com esse último conhecimento sabe-se a natureza do sonho no mesmo instante, porque se o sujeito - quando conta o sonho, fala ou faz fantasia - é real, transmite ondas e variáveis emocionais. No caso de haver campo semântico durante a explicação do sonho, o psicoterapeuta recebe sinais informativos particulares, por isso ele deve dar atenção tanto ao formalizado verbal quanto às variações emotivas no seu organismo. A presença ou ausência de informações semânticas, portanto, constitui a realidade ou não realidade de um sonho, isto é, a atualidade daquela situação para o sujeito. Sem campo semântico não podemos ser exatos em nenhuma análise. Através dele obtêm-se sempre duas informações: uma energética e uma formal. Durante a análise de um sonho existe a simbologia do verbalizado (aquilo que diz, as imagens que usa, as passagens que faz) e o sincronismo dessas informações - energia e formalização dessa energia - no interno emotivo do psicoterapeuta. Naturalmente, é necessário que o psicoterapeuta seja sempre exato, isto é, possua a simplicidade da própria natureza. É sempre o psicoterapeuta que dá exatidão ou inexatidão à análise. No caso do ontopsicólogo momentaneamente entrar em dúvida na individuação semântica ("a ação que experimento é minha, é sincrônica a um complexo meu, ou eu sou realmente efeito-rede do poder de constelação da sua semântica?"), então recorre-se à teoria de apoio (o *Prontuário Onírico*, na quinta parte). Critério causal = o que. Critério funcional = para quem. Critério semântico = é real concreto ou faz somente memética, isto é, imagem sem original ativo? (Meneghetti, 2021, p.57-60)

Meneghetti (2021), descreve como obrigatório a importância do pesquisador ter o conhecimento de 12 aspectos fundamentais de interpretação: 1) o primeiro constituinte do homem é o Em si ôntico, que formaliza o real no agora, 2) O homem é uma unidade de ação autorreferente, forma uma experiência autoevidente e subjetiva, que define o Eu de cada um que se forma como único e distinto. A evidência de que ele possui é limitado ao que é, e o significado de cada sinal é único, derivado de uma causa, 3) Se não verificável, é devido a grelha de deformação ou o monitor de deflexão que afeta a percepção e o conhecimento do indivíduo. Este sistema altera a forma como uma pessoa se entende, limitando sua autocompreensão e vivendo somente ao que se é previsto pelo programador, que desvia da sua ecceidade. As morais e categorias lógicas,

são definições morais do monitor de deflexão, 4) Com a ab-reação do mecanismo cerebral, o homem pode tornar consciente daquilo que se é “ato que é reflexão, número e fenomenologia, revelam-se como jogo do único Em Si [...] Essa subjetividade, mesmo sendo autônoma, é sempre sincrônica com outras subjetividades” (Meneghetti, 2021, p. 20), e partindo desta subjetividade individual, torna-se possível perceber os elementos das outras individuações próximas que influenciam 5) um dos pontos principais onde a psicoterapia moderna falhou foi porque não conseguiu entender o verdadeiro sentido das comunicações inconscientes,

o que ainda hoje se define "inconsciente do homem" revela-se como ação determinante daquilo que o indivíduo considera decisional. O indivíduo, quando se considera autonomia decisional, é somente o exposto de algo já vivido, executa uma consciência já manipulada. Há muitas sinalizações do inconsciente agente, mas se continuou construída a partir da projeção racional consciente e de sintomas analisados sempre com critérios racionais; b) a permanente ausência do constituinte inconsciente jamais possibilitou a evidência de encontro (Meneghetti, 2021, p. 20).

Conforme descrito pela autor seguimos a sequência dos 12 aspectos referentes aos modos de interpretação da clínica Ontopsicológica.

6) A Ontopsicologia é segura no âmbito daquilo que para os outros é inconsciente e justamente acusa: "Se te constata desconhecido, porque ensina? Se não sabe aquilo que é, por que insiste com o saber presuntivo na pesquisa do real?". Portanto, a Ontopsicologia é uma restituição incondicionada a tudo o quanto e que, de qualquer modo, se é; é um sim incondicionado aquém e além do bem e do mal; é a anulação de toda censura à totalidade do que acontece. A descida aos infernos fez descobrir o paraíso. Não se tratou de eliminar a ordem sociomoral e sociorracional pré-constituída, mas foi necessário fazer uma viagem a todos os lados do humano sem apólices ou bagagens de qualquer espécie. Foi preciso matar todas as lógicas formais (esperança, desespero, sucesso, suicídio, análise, hipótese etc.) e morrer no rio da ação. Foi preciso tornar-se célula, tornar-se glóbulo e alcançar o despertar somente se, após o percurso, a ação do Em Si pousasse sobre a praia da reflexão. Foi preciso descer em cada ação, começando por onde o fio prendia dentro e depois se alargava, desmembrando toda a individuação. 7) A Ontopsicologia, na realidade, preocupa-se em organizar os sinais ao real partindo do real. A dificuldade não é por parte do em si do real,

mas por parte do sistemismo signalético. De fato, é isso que hipoteca o homem a ponto de não lhe consentir o investimento aberto e consciente ao real. O homem paga esse impedimento adoecendo e desviando-se da própria vantagem. Para além da deformação signalética induzida pelo monitor de deflexão ou por outros parasitas da mente, a Ontopsicologia já pode o real. Em Ontopsicologia conhece-se a valência entre símbolo e real, ou melhor, é do real que se aprende a verdade do símbolo. No Em Si do homem, princípio que faz e é coisa, está a casa natural do Eu. 8) Denomino Prontuário Onírico o texto na Quinta Parte desse livro que circunscreve a abertura do símbolo à cinemática onírica, imagógica e fantasiosa. Na prática, implica o raio de projeção onde o incompreensível tem a permissão de existir sem implicações que responsabilizem o sujeito. Reafirmando que o prontuário é para ontopsicólogos experientes, entendo aludir implicitamente a uma formação de base em sentido psicodinâmico que consente uma habilidade no trabalho psicoterápico e uma intuição ser pente específica em reconhecer a semântica objetivante para além do sinal. Permanecem convalidados os princípios freudianos Id, Ego, Superego, princípio de prazer e de realidade, instinto de vida e de morte, trasto deslocamento dinâmico, identificação e investimento objetual com cargas e contracargas, angústia real e neurótica, mecanismos de defesa, remoção, projeção, sublimação etc., formações reativas e fixações regressivas, fases oral, anal, fálica, genital, cena primária, e grande parte da análise sobre a dinâmica associacionista e onírica, mantendo sempre na pesquisa o sistema Indutivo e nunca o dedutivo. Não concordo no que diz respeito à exposição do complexo edípico (que elucidarei no capítulo oito da Primeira Parte). Permanecem convalidados os princípios junguianos dos arquétipos, dos complexos, de inconsciente individual e coletivo, de Eu, de persona, de animus e anima, de self, das funções de compensação, de oposição e de síntese transcendente, de energia psíquica e de valores psíquicos, de poder constelador de um complexo, dos princípios de equivalência e de entropia, de progressão e regressão, de causalidade teleológica, do processo de individuação, da remoção sublimada e simbolizada. No que concerne ao arquétipo sombra, faço a ressalva de que em geral é negativo, como a maioria dos arquétipos, em particular o da grande-mãe, e no arquétipo sombra já especifica-se o dispositivo alienígena. Aliás, enquanto no arquétipo da grande-mãe detalha-se a matriz da operacionalidade negativa na versão de computador-mãe, de velha abissal, de núcleo do complexo vampírico materno, no arquétipo sombra individua-se o dispositivo alienígena na versão masculina, pênis psíquico, boca dilacerante ou tentáculo etc. Em suma, trata-se sempre de um subproduto dependente ou instrumento operativo da grande-mãe. Em outros casos, assinala um parasita

da mente ou campo semântico alheio negativo. Permanecem convalidados os princípios adlerianos de vontade de potência ou aspiração à superioridade, sentimento de inferioridade e compensação, interesse social, estilo de vida, self criativo, ordem de nascimento e experiências relativas à infância e personalidade. Permanecem válidos os princípios de interpretação onírica dos manuais clássicos como W. Bonime e E. A. Gutheil', sendo também válidas as interpretações mais analíticas da psicologia transacional, da parapsicologia e do training autogeno (Schultz-Klaus). assim como a semiologia religiosa e mística. 9) Não obstante o quanto convalidado, considero prioritário o prontuário reportado na Quinta Parte, ainda que limitado e sumário. Os vocabulários pré-escolhidos são poucos, mas os mais recorrentes no universo psíquico do humano. A sua limitação, seria quase obsessiva, mais do que pelas referências históricas da vida em si, é determinada pela universalidade inserida do dispositivo "computador" intracerebra de incorporado que fixa a estereotipia imagética e a tipologia defensiva do Em Si contra um alheio tipificado há milênios. A vida no seu contínuo ato flui com novidade de acontecimento, por isso é sempre desigual e nunca dá o encontro no mesmo ponto. Fixidez e negatividade simbólica são devidas à fixidez do monitor de deflexão, e o Em Si o assinala continuamente porque é o único perigo constante verdadeiro. A atuação substancial é o fato de que toda a Ontopsicologia é baseada na positividade do Em Si ôntico: esse é o único exclusivo que consente discriminações patológicas e coordenadas de vitalidade e crescimento. Com o seu parâmetro, pode-se isolar anomalias e soluções individuais. Infelizmente, o Prontuário Onirico refere-se mais à casuística patológica e não tanto à autorização histórica do homem sadio ou maduro. Sendo o monitor de deflexão ajustado em sincronismo dialético com todos os valores mais elevados da história social, da mitologia, da lenda, da poesia popular e épica e da religião, monopolizando-os notavelmente até o ponto de serem irremovíveis, resultado que tal estruturação se tornou -se estabelecida do comportamento lógico-linguístico, portanto, permanece indemonstrável e é justamente por isso que se abre um conciso contraponto por parte do Em Si. O computador, de fato, é o tranquilo anticristo reverenciado e servido como verdadeiro deus do homem. Enquanto esse sistema cultural estiver vigente, enquanto o inimigo pelo mesmo, é óbvio que o Em Si parece repetitivo: a referência contínua ao idêntico objeto imóvel tende a considerar que o seu defensor também o seja. Daqui nasce a comunhão dos símbolos. Devo acrescentar que, sendo a sua capacidade de adaptação no âmbito humano muito vasto, mesmo variando a cultura de um contexto, o computador é capaz de interferir na manipulação tranquilamente de modo enganoso. Eu mesmo, várias vezes, tive que constatar a

aprendizagem adaptativa sobre os pressupostos teóricos da Ontopsicologia. O monitor de deflexão é capaz de aprender qualquer sistema lógico e sucessivamente monopolizá-lo em função própria. 10) A importância da interpretação do semântico inconsciente, ou melhor, da semântica do Em Si do homem, é igual à importância de viver ou não viver bem, ser objeto de outrem ou pessoa coordenadora. 11) Permanece fundamental o fato de que não é possível inquirir com racionalidade definida todos os processos oníricos do inconsciente, constituído pelo Em Si ôntico, complexos, monitor de deflexão e relativos contornos formados pelas múltiplas valências dos acontecimentos internos e externos. Isso ocorre por dois motivos a) cada pessoa específica o próprio universo histórico através dos semânticos universais, algumas vezes de modo único, por isso permanece incompreensível para a maioria (mas não para o especialista), b) deve-se recordar que as semânticas e significâncias oníricas nascem em processo intuitivo, ainda que motivadas por determinismos históricos ou racionais. 12) Naturalmente, uma vez passada a barreira da grelha de deformação mental, o sentido do em si da vida individual permanece aberto e não existe nenhuma necessidade de código mediador. Tendo em vista que a individuação-homem é um contexto ordenado que especifica a ação-vida de um todo a um em si, de um sistema aberto a um diferenciado, uma vez que o real-vida notifica-se ou interfere onde eu existo, na ocorrência da interação, visualiza-se o quântico vetorializado, isto é, o ato acontece e é auto-evidência. O homem que usufrui o próprio inteiro sabe a si mesmo por quanto é. Especificado isso, compreende-se então como a função semiológica a ser decodificada é prevista até que se dê uma parte cindida ou impossível ao contato contínuo. Portanto, é inevitável que, num certo ponto, o homem entre no inexprimível do Em Si, constituído evidência pura a si mesmo, e então cada coisa é por como é. O ser consome cada palavra e se presencia. Deve-se sempre recordar que, mais que o objeto, é a sua função no conjunto da ação que identifica o positivo ou o negativo. Por isso, jamais se deve absolutizar o símbolo fixo, mas é necessário colher o quanto ele contribui à vetorialidade que se exercita em relação ao egoísmo organísmico momentâneo e geral do sujeito. (Meneghetti, 2021, p. 20-24).

Neste sentido, depois de descrito os três princípios para o critério de verificação do sinal, os doze aspectos do modo de interpretação da ciência Ontopsicológica e com base no que foi abordado até o momento, destaca-se a importância do pesquisador exato nas aplicações do método Ontopsicológico e do T6D, para interpretar as imagens que se manifestam durante a análise do T6D.

Spanhol, (2017, p.346) “o uso do método Ontopsicológico permite ao pesquisador, em qualquer campo do saber, colocar-se em escuta das causas primeiras”, portanto é preciso seguir três preparações fundamentais para o pesquisador, 1) conhecimento em toda a teoria ontopsicológica, 2) a exatidão do pesquisador, 3) capacidade e conhecimento do campo semântico (Meneghetti, 2010).

Meneghetti (2016) menciona que “uma vez que o homem é exato, é autêntico na hipóstase da natureza, faz as devidas ciências: física, filosofia, biologia, informática, etc.” (Meneghetti, 2016, p. 381), ou seja, a ciência ontopsicológica se posiciona no homem enquanto líder protagonista de sua própria vida. Ao se compreender de modo profundo a si mesmo, se torna capaz de integrar-se a outros conhecimentos, contudo, mediante a este modo de autenticidade, se faz capaz de ajudar o homem em prol do homem (Meneghetti, 2016).

Com base na fundamentação abordada neste trabalho, podemos evidenciar que para o pesquisador exato, é indispensável ter o total conhecimento e domínio da ciência Ontopsicológica, para ser capaz de interpretar corretamente os símbolos e ser capaz de leitura do campo semântico durante a aplicação do T6D, deste modo torna-se possível a capacidade de distinguir as causas primárias e aplicar o conhecimento adquirido em prol do humano.

O conhecimento do campo semântico é essencial ao pesquisador, pois permite que ele compreenda o próprio organísmico, assim permitindo que o pesquisador ajude o homem a compreender a si mesmo e suas fenomenologias.

Portanto, reiteramos conceitos fundamentais na aplicação do T6D, que se aplica o diferencial da ciência ontopsicológica por meio do campo semântico e critério organísmico.

Neste contexto destacamos o campo semântico, por “campo”, compreende-se ser um contexto hipotético, com possibilidades de mudanças, “semântico”, segundo a escola Ontopsicológica “é entendido como uma virtualidade, a capacidade de pôr em ato efeitos segundo a informação exclusiva do intencionante vetorial, isto é, ato com efeito segundo o primeiro significante” (Meneghetti, 2010, p.183).

Meneghetti (2010), evidenciou o campo semântico por meio da prática clínica “é suficiente que um sujeito fique atento e em total ausculta de si mesmo, deixando as ideias e começará a sentir imediatamente uma poliedricidade de pulsões e de situações” (Meneghetti, 2010, p. 31-32), próximo a um indivíduo, ocorre diversas informações e reações que são variáveis e distintas de pessoa para pessoa, assim, se dissipando as

sensações por meio do corpo, que depois reagem em comum experiência e interatividade do campo semântico. “Essa variação ocorre mesmo que o indivíduo não tome consciência do ocorrido.” (Spanhol, 2022, p.56). em vista disso, a autora ressalta a importância de ter atenção momento a momento nas variações orgânicas presentes no corpo.

Nabarro (2019), “Com a compreensão do campo semântico, é possível chegar à causa do problema, pois existe um núcleo informático em cada indivíduo”, com a leitura exata do campo semântico é possível compreender informações precisas do Em si de cada indivíduo. Compreender a leitura do campo semântico é fundamental na aplicação e diagnóstico do T6D, sendo assim, à informação chega até a unidade de ação receptora, o modo informático daquela energia que se altera em conformidade a imagem formada, onde está imagem é inserida pelo campo semântico de variável energética (Meneghetti, 2010).

Meneghetti (2010) destaca que, “o campo semântico é a transferência de uma informação de um campo a outro” (Meneghetti, 2010, p.186). A informação é neutra, sendo positiva ou negativa, se altera pelo modo de leitura do receptor. Para um técnico é fundamental o conhecimento de si mesmo, para que compreenda as informações sem interferências, pois toda informação intencionada no aqui e agora pelo indivíduo durante a aplicação deve ser colhida e compreendida “pode aplicar o teste somente quem evidência exato conhecimento do significante” (Meneghetti, 2021, p. 321).

Assim, Meneghetti (2021) ressalta a importância de se estar sempre atento a impressão orgânica revelada no primeiro impacto com os desenhos projetados, “quando colhemos as sensações ou pulsões, estamos sempre no fenômeno, que pode ser sadio ou complexual” (Meneghetti, 2010, p.32), cada mover-se é um vetor do campo semântico, tudo se procede por meio de uma imagem dominante que depois gera todas as outras.

Meneghetti (2019) destaca que no organismo “qualquer informação ou recepção exteroceptiva ou proprioceptiva sofre sempre uma evolução de energia” (Meneghetti, 2019, p. 41) trazendo uma percepção no organismo, junto dos órgãos sensoriais ou sentidos, portanto, já se observa uma reação do corpo a informação mediante a realidade exposta pelo cliente e colhida pelo psicoterapeuta.

Portanto, junto ao conhecimento base de aplicação dos testes projetivos e ao conhecimento do método do T6D, unindo-se ao conhecimento e leitura do campo semântico que descrito por Meneghetti (2019), “todo o corpo experimenta como radar

aberto” (Meneghetti, 2019, p. 125) é possível se chegar a análise do T6D com exatidão junto ao processo de intervenção.

Meneghetti (2019) destaca que durante suas intervenções clínicas,

esqueço o meu saber científico e ausculto todas as reações viscerotônicas do meu organísmico, isto é, do meu total de existir como corpo, sensação, matéria, sensibilidade, inteligência; ausculto o impacto de interação que o objeto faz em referência ao meu existir. Todo o meu corpo - as minhas mãos, os meus pés, a minha pele, os meus cabelos - é órgão de sentido. Não excluo o saber teórico racional que a história me transmitiu, mas no caso concreto, faço um sincretismo deste com o meu perceptivo sensorial em interação com o objeto. Sou atentíssimo à interação semântica porque eu existo em um conjunto de vida, que põe também a relação entre mim e o objeto” (Meneghetti, 2019 p. 126).

O campo semântico “deve ser unido à percepção racional, sensorial, fisiognômica, semiótica, análise corpuscular ondular do átomo” (Meneghetti, 2019, p.127), deste modo, enfatiza-se que o conhecimento teórico não deve ser desconsiderado, pois integra o conjunto da intervenção clínica.

Assim, destaca-se a importância de manter-se em vigília e ausculta interna durante a aplicação do método do T6D, pois esta abordagem permite colher a real informação expressada de forma inconsciente pelo indivíduo, muitas vezes não verbalizada ao psicoterapeuta, sendo assim, enriquecendo a compreensão a análise clínica do T6D (Meneghetti, 2019), este é o primeiro critério a se utilizar na investigação a tudo que se relaciona ao homem.

Por meio desta abordagem, evidenciamos o diferencial do método de aplicação da ciência Ontopsicológica mediante a intervenção e uso do T6D na prática clínica, o campo semântico “não dá somente o símbolo: faz a estrutura celular. É uma informação que emociona, seja variando a pulsão que alterando estruturalmente um órgão” (Meneghetti, 2019, p. 128), assim, para a leitura do campo semântica no técnico que aplica o T6D “é preciso levar novamente o ser humano ao ser ecossistema original: recuperar o conhecimento global de todos os próprios sentidos” (Meneghetti, 2019, p. 128).

O campo semântico é o radar informático do corpo. Com base neste conhecimento, a ciência Ontopsicológica destaca a importância do psicoterapeuta se estar em sincronia plena consigo. Essa coerência é essencial ao técnico, para que compreenda as nuances da aplicação mediante ao método de aplicação do T6D, para que assim, a intervenção seja eficaz. Meneghetti (2016) aborda que “a Ontopsicologia

baseia-se na sinalética exata do primeiro cérebro da vida: o cérebro visceral” (Meneghetti, 2016, p.382). Portanto, o autor destaca a importância de compreender o corpo, e o modo como ele se comunica por meio das informações do campo semântico. Um aspecto importante a ser mencionado neste trabalho é a análise dos símbolos, que são projeções criadas pelo inconsciente que se manifestam a cada momento, assim, mesmo que o indivíduo replicando no T6D símbolos que acredita não fazer parte da sua realidade, é importante lembrar que o ser humano conhece o mundo na medida em que se é, com base na sua própria experiência.

Meneghetti (2017) descreve que “Eu desenho aquilo que não sou, mas aquilo que desenho assemelha-se a mim que sou” (Meneghetti, 2017, p.353). Nesta citação, o autor enfatiza que cada símbolo faz relação entre os desenhos, que se torna coerente com a identidade e experiências do indivíduo, indicando que tudo é símbolo³² e reflete a comunicação do inconsciente.

Quando o técnico está em âmbito clínico junto ao cliente, ele o escuta de modo racional, mas compreende de modo semântico, é uma ausculta real da situação do indivíduo. Meneghetti (2015 p. 84) “uma vez recuperado o conhecimento básico da linguagem de natureza, através do campo semântico, o homem tem o critério para verificar e conhecer qualquer realidade”.

Na sequência passaremos para os métodos utilizados neste trabalho.

3. METODOLOGIA

Este presente trabalho de conclusão de curso, possui uma abordagem exploratória. Essa abordagem permite investigar e ampliar o conhecimento frente a um determinado tema (Trivinos 1987). A pesquisa é de caráter teórico bibliográfico.

Tendo por base o conhecimento da Ontopsicologia e a importância da compreensão teórica e metodológica para utilização dos instrumentos desta ciência surge a questão: Como obter uma compreensão mais aprofundada em relação à análise dos testes projetivos, especificamente o T6D?

Deste modo temos como objetivo geral: Distinguir as possíveis diferenças entre testes projetivos da psicologia e o teste dos seis desenhos (T6D) pela ciência ontopsicológica. Os objetivos específicos são:

- Identificar a base de referências aos testes gráficos preexistentes ao T6D;

³²Sinal ou imagem que está a indicar outro mais importante e concreto. (Meneghetti, 2012, p. 245)

- Descrever sinteticamente alguns dos testes preexistentes da Psicologia;
- Apresentar a compreensão de base da ciência Ontopsicológica para a aplicação do T6D;

Por tratar-se de uma pesquisa bibliográfica elaborada especificamente por meio de uma revisão de literatura relevante que apresenta a temática dos testes projetivos tais como: Rorschach; Teste de Apercepção temática (TAT); Teste de Apercepção em Crianças (CAT); Teste do Desenho da Figura Humana, *House-Tree-Person* (HTP) e Teste dos seis desenhos (T6D).

Para a compreensão do T6D foram utilizadas as referências de Meneghetti (1936- 2013) bem como artigos publicados por diferentes autores que abordam a temática proposta.

A seleção destas fontes foi feita a partir de critérios de relevância e rigor científico, priorizando as principais publicações reconhecidas nos meios de pesquisas.

O cunho teórico da pesquisa aborda conceitos fundamentais, como a definição de testes projetivos, métodos de uso, principais testes projetivos da psicologia, suas aplicações clínicas e características. O T6D, o método Ontopsicológico com suas três descobertas, premissas do pesquisador exato, contributo do campo semântico e critério organísmico. Para uma melhor compreensão foram incluídos estudos de casos e exemplos práticos que descrevem o modo de utilização de testes projetivos em contextos clínicos.

A análise dos dados descreve sinteticamente os testes projetivos citados por Meneghetti (2021) e apresenta a compreensão de base da ciência Ontopsicológica para aplicação do T6D e se propõe a identificar possíveis lacunas nos testes projetivos pré-existentes em relação ao T6D.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perante os resultados obtidos pela pesquisa que engloba os testes projetivos pré-existentes da Psicologia e o Teste dos Seis Desenhos (T6D) da Ontopsicologia, foi possível identificar contribuições relevantes que diferem de um modo a outro, tanto no aspecto metodológico de aplicação quanto no entendimento das manifestações do inconsciente por meio dos testes projetivos.

A análise do T6D proporciona uma visão diferente, quando comparado a outros testes projetivos, como o Rorschach, Teste de apercepção temática (TAT), Children's

Apperception Test (CAT), Teste do desenho da figura Humana e casa-árvore-pessoa (H-T-P). Revelando aspectos intrínsecos ao sujeito que, muitas vezes, não são compreendidos e analisados pelos métodos tradicionais de aplicação.

A interpretação do T6D, organizados por temáticas que englobam desde a situação pessoal do indivíduo até o modo de situação atual e futura, permite compreender de modo holístico os aspectos inconscientes que moldam e estruturam o passado, o presente e as expectativas futuras do indivíduo.

Outro resultado importante se refere ao modo de aplicação e análise do T6D em contextos clínicos diferentes. A possibilidade de captar traços inconscientes de forma clara e visual se mostrou eficaz para identificar não apenas traumas e bloqueios emocionais, mas também capaz de evidenciar o potencial criativo e a autopercepção do indivíduo. Este modo de compreensão é relevante no contexto da Ontopsicologia, que possibilita não apenas compreender o comportamento, mas também a capacidade de leitura das manifestações inconscientes.

A partir da análise exploratória que permitiu a coleta dos dados da presente pesquisa, foi possível construir um quadro comparativo abaixo em que apresenta um melhor entendimento dos principais aspectos e diferenciais dos outros testes projetivos da Psicologia em relação ao T6D da Ontopsicologia.

Tabela - principais aspectos e diferenças dos testes projetivos

TESTES	MATERIAL	MÉTODO	ANÁLISE INTERPRETATIVA	DEFINIÇÃO
RORSCHACH	Conjunto de 10 pranchas com manchas de tintas (coloridas e preto e branco).	Aplicado em um local calmo e sem distrações, o examinador registra as respostas em duas pranchas (ficha de aplicação e inquérito), guiado por uma conversa.	A interpretação envolve a análise de temas e padrões identificados nas respostas, explorando processos inconscientes.	É uma técnica projetiva, seguida de um modo padronizado.

<p>TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA (TAT)</p>	<p>Conjunto de 31 cartões, que representam imagens ambíguas.</p>	<p>O examinador escolhe o local apropriado, e apresenta os cartões com as imagens ambíguas (a quantidade depende do tempo que possui para a aplicação). Então, o examinador solicita ao examinado para que conte histórias com base nas imagens que vê.</p>	<p>Deve avaliar e anotar tudo que for dito pelo examinado, quais os sentimentos que ele usa, como ele descreve o personagem.</p>	<p>Teste projetivo que utiliza imagens de situações ambíguas para revelar aspectos da personalidade, segue um mesmo padrão para todas as aplicações.</p>
<p>CHILDREN'S APERCEPTION TEST (CAT)</p>	<p>Consiste em uma série de cartões com imagens abstratas de animais e pessoas.</p>	<p>As crianças projetam suas histórias com base nas imagens apresentadas.</p>	<p>A análise aborda as emoções, mecanismos de defesa e modo de relações familiares que a criança projeta nas histórias contadas</p>	<p>Consiste na técnica de projetar histórias, mas que se baseia na emoção e experiências das crianças, essa técnica segue também a lógica padronizada</p>
<p>TESTE DO DESENHO DA FIGURA HUMANA</p>	<p>Folhas brancas e lápis</p>	<p>A pessoa desenha uma figura humana, podendo ser solicitado pelo técnico a desenhar figuras de ambos os sexos.</p>	<p>A análise se concentra em como o sujeito representa a figura humana, considerando proporções, detalhes e a expressão de emoções e conflitos internos.</p>	<p>Teste projetivo que verifica os padrões das imagens expostas pelo sujeito, unindo sua característica junto às imagens. É uma técnica de desenho livre, porém limitada a interpretações, pois segue um modelo padronizado de investigação</p>
<p>CASA- ÁRVORE- PESSOA (HTP)</p>	<p>Folhas brancas, lápis e canetas.</p>	<p>O sujeito desenha uma casa, uma árvore e uma pessoa, projetando sua relação com o ambiente e consigo mesmo.</p>	<p>A interpretação avalia como a casa reflete o ambiente familiar, a árvore, as relações interpessoais e a pessoa a autoimagem e os relacionamentos, guiadas por uma ficha interpretativa criada com características dos desenhos.</p>	<p>É uma técnica projetiva, padronizada seguida de ficha interpretativa.</p>

<p>TESTE DOS SEIS DESENHOS (T6D)</p>	<p>6 folhas brancas, lápis, podendo se utilizar de lápis coloridos.</p>	<p>O sujeito desenha uma árvore, uma figura humana de ambos os sexos, a família, sua situação atual e sua perspectiva futura.</p>	<p>A análise considera a identidade, a funcionalidade biológica e os traços inconscientes projetados nos desenhos, diferenciando-se pela percepção do campo semântico, critério organísmico do pesquisador exato (técnico aplicador).</p>	<p>Teste gráfico projetivo utilizado na Ontopsicologia, que revela aspectos da psique através de seis desenhos, que parte da espontaneidade do indivíduo, uma técnica livre, com o diferencial da leitura do campo semântico junto ao pesquisador exato.</p>
--------------------------------------	---	---	---	--

Fonte: tabela criada pela autora, 2024.

De acordo com a tabela apresentada e a fundamentação teórica sobre os testes projetivos, verifica-se que eles possuem um ponto em comum que se trata da importância do técnico ser coerente e preciso, evitando manifestar suas frustrações ou interpretações pessoais ao sujeito no momento da aplicação.

Uma das diferenças entre os testes tradicionais da Psicologia e o Teste dos Seis Desenhos (T6D) da Ontopsicologia está na maneira como se faz a abordagem utilizada. Os testes tradicionais fazem uso de materiais padronizados, como pranchas, ficha de interpretação, ficha de inquérito, cartões ou instruções específicas, e seguem métodos estruturados de aplicação. Embora esse formato proporcione uma estabilidade na aplicação, ele pode restringir a espontaneidade única do sujeito e não oferece uma visão íntegra do real do sujeito, são testes que permitem a identificação de estereótipos de cada sujeito com base no que foi vivido por eles.

Com isso, Meneghetti (2020) descreve uma passagem importante referente ao teste de Rorschach que “tem a capacidade de estimular subliminares do inconsciente complexual [...] registra a atração ou o medo àquele tipo de mancha e, sobre aquela hipótese que não diz nada” (Meneghetti, 2020, p. 177), então, o autor destaca que esse teste segue uma linha para identificar padrões complexuais do sujeito, mas poderia ser válido se unido junto à ciência ontopsicológica,

Se o teste de Rorschach bem conduzido com base nas reações que o cliente teve, pode-se aplicar a análise ontopsicológica, exatamente como se aplica às imagogias ou aos sonhos. Pode-se usar aquela técnica, mas com a ótica ontopsicológica, especialmente quando o cliente jamais leva os seus sonhos. Segundo o que formaliza naquelas manchas, ali está a sua identidade complexual” (Meneghetti, 2020, p. 177)

Entre tanto, o T6D prioriza a liberdade criativa do indivíduo, permitindo projeções autênticas e uma análise mais pessoal que se manifesta no momento da

aplicação, o que se difere dos demais testes citados, pois o T6D proporciona uma visão integral do sujeito, eliminando restrições culturais ou estruturais, portando, o T6D não depende de um modelo padrão para sua aplicação, não possui limitações de interpretações, pois segue uma análise mais intuitiva junto ao critério e diferencial da ciência Ontopsicológica por sua abordagem baseada no campo semântico e nas percepções orgânicas.

Esses conceitos permitem que o técnico identifique exatamente traços inconscientes que refletem a identidade do sujeito, lembrando-se que esses modelos de identificação somente é possível se o técnico for exato a sua própria identidade.

No próximo tópico será apresentada as considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa sobre o Teste dos Seis Desenhos (T6D) e seu diferencial no campo dos testes projetivos, especialmente sob a ótica da ciência Ontopsicológica, oferece importantes contribuições científicas. Através do estudo detalhado da aplicação do T6D, esta pesquisa amplia o conhecimento e estudo sobre os métodos projetivos, revelando aspectos significativos no campo semântico e o critério orgânico, que são fundamentais para uma análise aprofundada da psique humana. Permitindo que se identifiquem aspectos da identidade, traumas e potencial criativo do ser humano, além de compreender a manifestação do em si daquele sujeito em questão, no aqui e agora, sendo assim, o método de aplicação do T6D se destaca em relação aos testes projetivos tradicionais da Psicologia.

O estudo demonstrou que o T6D, além de se fundamentar em uma metodologia sólida, oferece uma leitura detalhada da dinâmica psíquica de modo completo e real, captando aspectos inconscientes de forma única. Este diferencial científico é notável pela não dependência de métodos culturais tradicionais, onde não depende de padrões estabelecidos assim como os demais testes citados na fundamentação teórica, destacando-se por fornecer uma interpretação mais precisa das realidades subjetivas projetadas pelos sujeitos e pelo método de abordagem Ontopsicológica, que não é um critério convencional, sendo assim, Meneghetti se apropriou do conhecimento base destes testes projetivos e elaborou o T6D junto ao diferencial da ciência Ontopsicológica.

Como pretensões futuras, a continuidade desta pesquisa pode envolver a aplicação do T6D em contextos diferentes aos que foram abordados neste trabalho, possibilitando uma verificação ainda mais profunda de sua eficácia em cenários diversos. Além disso, estudos comparativos entre o T6D e outros métodos projetivos podem contribuir para uma maior validação científica, aplicação e compreensão desta ciência, especialmente em contextos clínicos que envolvam psicoterapia e diagnósticos psicológicos.

Assim, esta pesquisa contribui para o avanço teórico da Ontopsicologia em relação a testes projetivos quanto para a prática no ambiente clínico, oferecendo aos futuros estudantes de Ontopsicologia e demais áreas do conhecimento um instrumento para compreender de maneira mais detalhada e precisa a estrutura psíquica dos indivíduos e o diferencial do T6D em relação aos testes projetivos convencionais.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADOS Isabel. **Teoria e prática do teste de Rorschach**. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1987.

BUCK, John N. **H-T-P: casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação**. 1. ed. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda, 2002.

FURNHAM, Adrian. **50 ideias de Psicologia que você precisa conhecer**. 2. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil Ltda, 2021.

FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. Antonio Meneghetti sobre. **O poder de ser pessoa**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti. 2020.

HAMMER, Emanuel F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos: Desenho projetivo da figura humana**. 1. ed. em português. Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda, 1981.

HALL, Sabrina. **R De Sigmund Freud, Alfred Adler e Carl Jung à Antonio Meneghetti: Estudo sobre conceitos presentes na ciência Ontopsicológica**. 2022.

Disponível em:

http://repositorio.faculdadeam.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/795/TCC_ONT_SABRINA_RAMINELLI_AMF_2022.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Acesso em: 22 ago. 2024.

HIRSCH, Sara. B. Guia de interpretação do teste de apercepção infantil (CAT-A) de L. Bellak In: OCAMPO. María. L.S; ARZENO. María. E. G; PICCOLO, Elza. G. O

processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas. ed. em português. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1981. p. 149.

LEVY, Sydney. Desenho projetivo da figura humana. In: HAMMER, Emanuel F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos 1.** ed. em português. Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda, 1981. p. 61.

LOSCH, Silmar; RAMBO, Carlos. A; FERREIRA, Jacques de. L; **A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação.** 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958/17247> Acesso em: 01 out. 2024.

MATOS Romilson Martins de; LUCCA. Roger de; OLIVEIRA. Marcelo; CRUZ. Wilton Souza. **Projeção na Psicanálise.** [s.d.]. Disponível em: https://www.ites.com.br/site/anexos/JornadaAcademica/2019/ppsm/Trabalhos_IV_Jornada_Academica/Psicologia/69%20-%20Romilson%20Martins%20de%20Matos%203.pdf Acesso em: 26 set. 2024.

MENEGHETTI, Antonio. **A psicossomática na ótica ontopsicológica.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2019

MENEGHETTI, Antonio. **Campo Semântico.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2015..

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de ontopsicologia.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2012.

MENEGHETTI, Antonio. **Imagem e inconsciente.** 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2021.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia.**4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Nova Fronda Virescit: introdução à psicoterapia ontopsicológica instrumentos e aplicações.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2019

MENEGHETTI, Antonio. **O monitor de deflexão na psique humana: princípio crítico sobre a razão humana antecipada por um monitor metabolizado no cérebro.** 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

MENEGHETTI, Antonio. **OntoArte: o Em si da Arte.** 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2020.

MENEGHETTI, Antonio. **Residence Ontopsicológico** .4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária. 2016.

MURRAY. Henry A. **T-A-T: Teste de Apercepção Temática** 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

NABARROS, Vanessa A. **Da formação acadêmica à formação para a vida: pesquisa exploratória acerca dos resultados da formação no curso de Bacharelado em Ontopsicologia da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF)**, 2019. Disponível em: <http://repositorio.faculdadeam.edu.br/xmlui/handle/123456789/592> Acesso em: 18 ago. 2024.

NEVES, Georgina F. S. **Teste do desenho da Figura Humana: Validação e Aferição do Sistema de Wechsler à População Portuguesa “Madeirense”**, 2011. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/447/1/MestradoGeorginaNeves.pdf> Acesso em: 31 ago. 2024.

OCAMPO. María. L.S; ARZENO. Maria. E. G; PICCOLO, Elza. G. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. ed. em português. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1981.

PINTO, E. R **Conceitos fundamentais dos métodos projetivos**. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/FfrxThdCyQ5hSN6Qq46gsCK/?format=pdf> Acesso em: 21 ago. 2024.

ROSA, Helena. R. **Teste Goodenough-Harris e indicadores maturacionais de Koppitz para o desenho da Figura Humana: estudo normativo para crianças de São Paulo** 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/318786319/Teste-Goodenough-Harris-e-Indicadores-Maturacionais-de-Koppitz-Para-o-Desenho-Da-Figura-Humana> Acesso em: 22 set. 2024.

SCHELINÉ. Patricia. W; BENCZIK. Edylene P. **Teste de Apercepção infantil o que foi e o que precisa ser feito** 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432010000100008 Acesso em: 20 set. 2024.

SPANHOL, Carmen I.D. Narrativas autobiográficas: A escolha ótima, mediada pela percepção orgânica. In: **Ontopsicologia Ciência Interdisciplinar**, volume III. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2017.

SPANHOL, Carmen I.D. **Formação de professores e o método Ontopsicológico**, Curitiba: Editora Appris, 2022.

TARDIVO. Leila, P. C. **A Violência doméstica em crianças e adolescentes: Expressão e compreensão das consequências com o uso de métodos projetivos**,

2016. Disponível em:
https://www.asbro.org.br/arquivos/Metodos_projetivos_e_suas_demandas_na_Psicologia_Contemporanea_Livro_CD_VIII_Cong_ASBRo_2016.pdf#page=191
Acesso em: 31 ago. 2024.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo; a fenomenologia; o marxismo.** São Paulo: Atlas,1987.

VAZ, Cicero. E. **O Rorschach teoria e desempenho.** Porto Alegre: Ontopsicológica Editora Artes Médicas Sul Ltda. 1980.

VELIQ, Fabiano. **Religião e projeção em Freud. elementos para o debate entre psicanálise e religião.** 2016. Disponível em:
<https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1131/603> Acesso em: 21 ago. 2024.

WECHSLER Solange. M; SCHELINÉ. Patricia. W. **Validade do Desenho da Figura Humana para Avaliação Cognitiva Infantil,** 2002. Disponível em:
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v1n1/v1n1a04.pdf> Acesso em: 20 set. 2024.